



PGPM-Bio

BOLETIM DA SOCIOBIODIVERSIDADE



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Gestão de Pessoas

Marcus Luis Hartmann

Diretoria de Operações e Abastecimento

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria Administrativo, Financeiro e de Fiscalização

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência da Gestão da Oferta

Wellington Silva Teixeira

Gerência de Produtos da Sociobiodiversidade

Ianelli Sobral Loureiro



PGPM-Bio

BOLETIM DA SOCIOBIODIVERSIDADE

Volume 1, Número 3
3º trimestre de 2017

ISSN: 2527-1598

B. Sociobiodiversidade, v. 1, n. 3, p. 1-37, jul. /ago. /set. 2017



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito Legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Impresso no Brasil
ISSN: 2527-1598

O Boletim da Sociobiodiversidade é uma publicação trimestral da Companhia Nacional de Abastecimento cujo objetivo é apresentar informações de biomas brasileiros, conjunturais de mercado de produtos da sociobiodiversidade e o relatório de operações executadas pela Política de Garantia de Preços Mínimos para Produtos da Sociobiodiversidade.

Supervisão: Ianelli Sobral Loureiro, Wellington Silva Teixeira e Stelito de Assis dos Reis Neto

Elaboração: Ianelli Sobral Loureiro, Ana Rita Lopes Farias Freddo, Ênio Carlos Moura de Souza, Humberto Lôbo Pennacchio, Augusto de Andrade Oliveira.

Colaboração: Pâmela Bispo da Silva e Luiz Felipe Melo Gonzaga e Laís Siqueira de Jesus.

Projeto gráfico: Guilherme Rodrigues

Normalização: Narda Paula Mendes – CRB-1/562, Thelma Das Graças Fernandes Sousa - CRB-1/1843

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

631:502(81)(05)
C737b

Companhia Nacional de Abastecimento.
Boletim da Sociobiodiversidade / Companhia Nacional de Abastecimento.
– v. 1, n.1 (2017-). - Brasília: Conab, 2017-

Trimestral

ISSN: 2527-1598

1. Biodiversidade. 2. Agronegócio. I. Título

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6262
<http://www.conab.gov.br> / sugof@conab.gov.br



SUMÁRIO

Editorial.....	.6
Bioma7
Conjuntura de Mercado.....	10
Açaí.....	11
Amêndoa de Babaçu	15
Amêndoa de Cacau (Nativo)	18
Baru	25
Borracha Extrativista	27
Carnaúba.....	29
Piaçava	33
Execução da PGPM-Bio.....	37

EDITORIAL

Ianelli Sobral Loureiro

Inserida na estratégia brasileira de consolidar um novo modelo de desenvolvimento sustentável no país, em 2009 foi criada a Política de Garantia de Preços Mínimos para os Produtos da Sociobiodiversidade - PGPM-Bio com o objetivo de valorizar os produtos da biodiversidade brasileira e auxiliar sua conservação. A política permite a segurança do preço no momento da comercialização, ensejando negociações mais justas e, dessa forma, contribuindo com o desenvolvimento social, econômico e com a preservação dos recursos naturais.

A atividade extrativista sustentável na floresta permite a garantia de renda e assegura a qualidade de vida das famílias ribeirinhas e extrativistas, proporcionando a preservação dos biomas, com a manutenção da flora e da fauna, impedindo a expansão do desmatamento.

A partir da realização de seminários regionais (por bioma) e nacional, envolvendo representantes do governo e da sociedade civil organizada, foram selecionados os primeiros produtos da sociobiodiversidade para entrar na pauta da PGPM, sendo os diagnósticos de suas cadeias produtivas realizados inicialmente pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA).

Em seguida, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), elaborou os custos de produção e os estudos para a fixação dos preços mínimos para o desenvolvimento da Política.

Após o primeiro ano de implantação, a PGPM-Bio foi crescendo e novos produtos foram incorporados, atualmente são 15 (quinze) produtos amparados por preços mínimos fixados pelo governo, com sua linha de atuação acompanhando a importância dos produtos no contexto ambiental, bem como das demandas dos grupos sociais que vivem nos diversos biomas do país.

BIOMA

Ianelli Sobral Loureiro
Laís Siqueira de Jesus

Caatinga

A Caatinga é um bioma exclusivamente brasileiro, ocupa uma área de cerca de 840 mil km², representando, aproximadamente, 10% do território nacional. Engloba 28 milhões de habitantes, cerca de 15% da população brasileira, que em sua maioria vive em grande vulnerabilidade socioeconômica, o que aumenta o uso dos recursos naturais oferecidos pela vegetação nativa. Sua vegetação é típica da região Nordeste do Brasil (Agreste e Sertão), e está presente nos estados: Piauí (63%), Ceará (quase 100%), Rio Grande do Norte (95%), Paraíba (92%), Alagoas (48%), Sergipe (49%), Bahia (54%), Pernambuco (83%), além de pequenas porções de Minas Gerais (2%) e do Maranhão (1%). O nome Caatinga significa “mata branca” em Tupi Guarani, isso porque o aspecto das árvores na época da seca (cerca de sete a nove meses por ano) tem uma aparência acinzentada. (BRASIL, 2011, p.12-29)¹

O clima semiárido predomina no bioma Caatinga, enquanto a “savana estépica” domina sua vegetação, ou seja, em sua grande maioria, as árvores são baixas ou arbustivas (caducifólias), que perdem suas folhas nos períodos de seca. Além dessas espécies, também ocorrem muitas cactáceas e plantas com raízes tuberosas (xilopódios), onde se armazena água, o que permite sua sobrevivência nesse clima onde os períodos de secas são marcantes. (BARRETO, 2010)²

A caatinga abarca uma grande diversidade de plantas conhecidas, se tornando uma das áreas secas tropicais mais importantes do Mundo. Essas características presentes nas espécies botânicas da Caatinga permitem que sobrevivam aos longos períodos de secas, por exemplo, a queda das folhas ocorre para que estas plantas evitem gastar energia para levar os nutrientes até estas folhas, e dessa forma, possam armazená-los por mais tempo. Outro exemplo são espécies que possuem caules e raízes suculentas que auxiliam também no armazenamento de água e nutrientes, além do ciclo de vida curto e

¹ BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Subsídios para a elaboração do plano de ação para a prevenção e controle do desmatamento na Caatinga** / Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2011.

² BARRETO, Lílian Santos et al. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do umbu**. 2010

dormência das sementes. Além da flora, as espécies da fauna também se adaptaram a esse clima e vegetação, como o hábito de só sair à tardinha ou apenas durante a noite, com o intuito de se esconder do sol em abrigos sombreados, saindo para caçar durante a noite. (KILL, 2004)³

A cobertura vegetal da caatinga foi diminuindo ao longo dos anos e a principal causa é a retirada de madeira para a produção de lenha e carvão vegetal, no entanto, atualmente essa diminuição tem sido causada pelas atividades de pecuária e agricultura. Além disso, existem algumas espécies frutíferas como o umbu, araticum e a mangaba que são exploradas pela população de forma extrativista, mas sem controle e continuamente, o que tem contribuído para a extinção destas e outras espécies do bioma. (DRUMOND, 2000)⁴.

Em outra publicação Drumond (2006, p.1) diz que: “Associado a esses fatos, observa-se que menos de 1% da vegetação nativa está protegida em áreas de conservação. Este ecossistema é também considerado um dos menos protegido.”

A Caatinga possui apenas 7,33% de sua área coberta por Unidades de Conservação - UC's (132 UC's), sendo que apenas 1,02% (32 UC's) são de proteção integral, divididas entre unidades de conservação federal (14) e Municipal (18). As outras áreas de conservação são de uso sustentável e totalizam 100 unidades, 66 federais e 34 municipais. Esse nível percentual das unidades de conservação está abaixo dos 10% propostos pela União Internacional de Conservação da Natureza e pela Comissão Nacional da Natureza, colocando, em risco, a conservação deste bioma. (BRASIL, 2011, p.68-70)⁵

A situação do bioma Caatinga é bastante peculiar no que diz respeito às regiões semiáridas, pois entre estas, é a mais biodiversa e mais densamente povoada, e muitas vezes confundida com a região semiárida brasileira, pelo fato de estar quase a totalidade inserido nesse clima. Em outro aspecto, a

³ KILL, LHP et al. Como manejar a Caatinga? **Embrapa Semiárido Folderes/Folhetos/Cartilhas (INFOTECA-E)**, 2004.

⁴ DRUMOND, Marcos Antônio et al. Estratégias para o uso sustentável da biodiversidade da caatinga. **Embrapa Semiárido-Folderes/Folhetos/Cartilhas (INFOTECA-E)**, 2000.

⁵ BRASIL, op. cit., p.68-70

dependência dos recursos naturais é extremamente marcante, sendo que para algumas famílias não seria possível manter a sobrevivência sem o uso dessa vegetação, em vista das dificuldades sociais e ambientais. A população que está inserida no bioma enfrenta grandes desigualdades sociais, e grande parcela dessas pessoas vive em condições de pobreza, consequência disso foi que em 2007 essa região representava um dos piores índices de desenvolvimento humano do Brasil, com altas taxas de analfabetismo, falta de saneamento básico e baixa expectativa de vida. (BRASIL, 2011, p.7)⁶

A principal atividade desempenhada no semiárido é a agropecuária, que influencia a degradação ambiental do bioma, pela grande concentração de terras, e pela super utilização do solo, que já é por característica um solo pobre, para práticas como pastagem excessiva, uso do fogo, desmatamento e outros. Somado a isso, existe, ainda, a extração exacerbada dos recursos para suprir necessidades básicas, no caso de famílias da área rural que dependem da Caatinga para a sua sobrevivência. Dessa forma, a relação do homem com esse bioma está muito prejudicada, visto que a Caatinga possui fauna e flora endêmicos, ou seja, que só podem ser encontrados lá, no entanto, entrando em extinção, e a exploração dos recursos só tende a aumentar. (BRASIL, 2011, p.30)⁷

Tabela 1 – Aspectos da Caatinga.

	Total	% do Brasil
População estimada (habitantes) (2009)	23.734.361	12,9
Área do bioma (ha)	84.445.300	9,9
Cobertura florestal estimada (ha) (2015)	40.582.671	48,1*
Área protegida em Unidades de Conservação (ha) (2016)	6.367.300	7,5*

Legenda: (*) em relação à área do bioma.

Fonte: Serviço Florestal Brasileiro

⁶ BRASIL, op. cit., p.7

⁷ BRASIL, op. cit., p.30

CONJUNTURAS DE MERCADO

A Conab é conhecida pela sua interação com as cadeias produtivas do agronegócio e da sociobiodiversidade. A tradição em levantar informações de qualidade sobre os diversos mercados, relacionados ao campo de atuação da empresa, e as análises conjunturais são reconhecidas pelos diferentes públicos e demais esferas do governo.

Nessa sessão, os técnicos da companhia analisam os dados referentes às atividades do terceiro trimestre de 2017 relativos aos produtos Açaí, Amêndoa de Babaçu, Borracha extrativa, Baru, Carnaúba, Piaçava e Cacau.

Estes produtos fazem parte da Política de Garantia de Preços Mínimos para Sociobiodiversidade e a análise desses mercados corroboram para o aprimoramento das políticas públicas voltadas a esse segmento, além de subsidiar com informações os atores envolvidos nessas cadeias produtivas.

Açaí

Ana Rita Lopes Farias Freddo

Colaboração: Laís Siqueira de Jesus

Pâmela Bispo da Silva

1. Panorama Nacional

O açaizeiro representa um importante fator socioeconômico para a região amazônica, devido a um dos seus principais produtos, o açaí batido para o consumo imediato da população, além da polpa industrializada congelada e o corante natural denominado antocianina, empregado nas indústrias farmacêuticas, cosméticas e alimentícias (BEZERRA, V. S. et al, 20168).

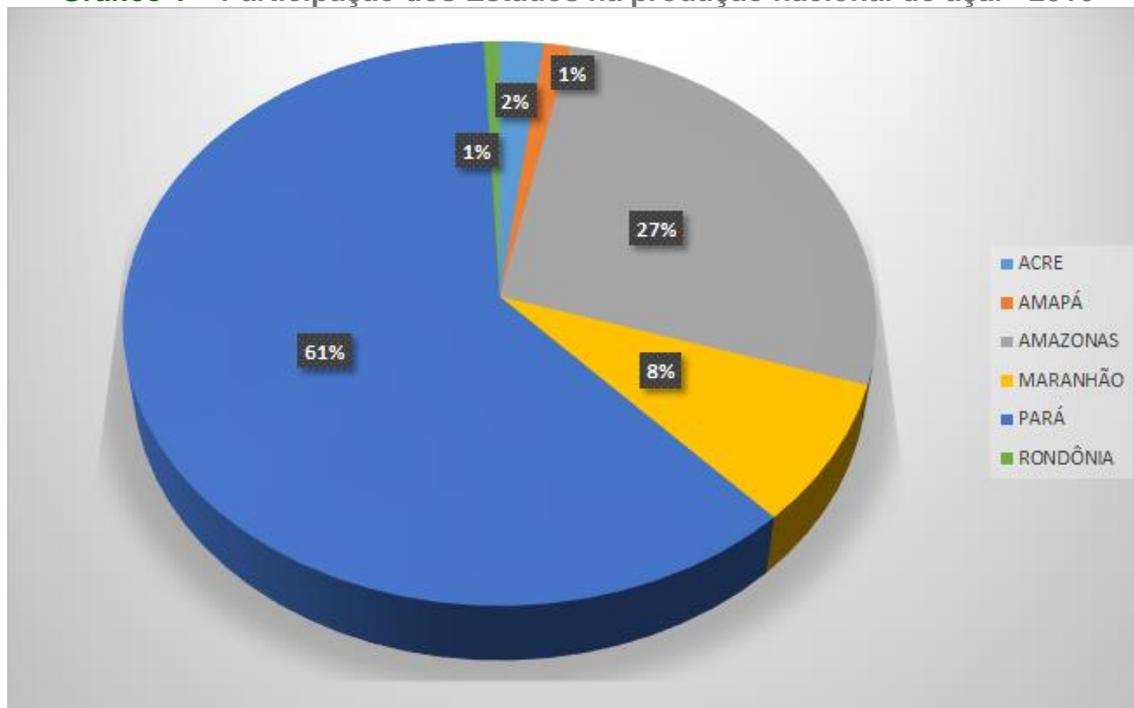
O mercado do açaí, principalmente o externo, é um mercado potencialmente em expansão devido ao apelo de alimento funcional por seu reconhecido poder antioxidante, e a inserção em cosméticos e formulações alimentícias como um ingrediente orgânico, influenciando positivamente na produção nacional de frutos (BEZERRA, V. S. et al, 2016).

1.1 Produção

De acordo com os últimos dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2016, a produção nacional de açaí foi de, aproximadamente, 215,6 mil toneladas de frutos, com valor movimentado de 539,8 milhões de reais, sendo os Estados do Pará e do Amazonas os principais produtores nacionais, com 61% e 27%, respectivamente, de participação, conforme gráfico abaixo.

⁸ BEZERRA, V. S.; FREITAS-SILVA, O.; DAMASCENO, L. F. Açaí: produção de frutos, mercado e consumo. In: JORNADA CIENTÍFICA DA EMBRAPA AMAPÁ, 2. 2016, Macapá. **Resumos...** Macapá: Embrapa Amapá, 2016. p. 19.

Gráfico 1 – Participação dos Estados na produção nacional do açaí - 2016



Fonte: IBGE.

2. Análise de mercado

2.1. Tabela de preços

A Tabela 1 apresenta os preços médios pagos aos produtores extrativistas, pelo kg do açaí, em seis estados brasileiros. De um modo geral, os Estados do Acre, Amazonas e Maranhão apresentaram aumento da oferta do açaí e, conseqüentemente, decréscimo nos preços recebidos pelos produtores extrativistas. Já os Estados do Amapá e Pará, ao contrário dos demais, devido à menor oferta do produto, tiveram acréscimo nos valores pagos aos coletores pelo kg do fruto.

Tabela 1 – Preço médio pago ao produtor extrativista pelo fruto do açaí (R\$/kg)

UF	3º TRIMESTRE DE 2016			3º TRIMESTRE DE 2017			VARIÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	jul/16	ago/16	set/16	jul/17	ago/17	set/17				
Acre	1,89	1,9	1,86	1,52	1,54	1,53	-20%	-19%	-18%	1,29
Amapá	0,68	0,64	1,99	1,58	1,34	1,71	132%	109%	-14%	
Amazonas	1,73	1,71	-	1,53	1,83	1,75	-12%	7%	-	
Maranhão	3,50	3,61	3,68	3	-	2,67	-14%	-	-27%	
Pará	1,93	1,57	1,53	3,45	2,62	1,93	79%	67%	26%	
Rondônia	-	-	2,55	3,91	3	3	-	-	18%	

Fonte: Siagro/Conab

2.2. Análise de mercado

Dos alimentos processados que contêm açaí e lançados no mercado mundial nos últimos anos 5 anos, 22% são representados por sucos, 12% bebidas energéticas e esportivas, 9% lanches, 7% sobremesas e sorvetes, 5% na categoria láctea e 3% em doces e balas, sendo que Estados Unidos (30%), Brasil (19%) e Canadá (8%) foram os países mais representativos no lançamento desses produtos (BEZERRA, V. S. et al, 2016⁹).

A tendência é que o mercado americano continue lançando no mercado mundial novos produtos, atendendo, principalmente, novos nichos de mercado. Um exemplo disso, ocorreu, em 2009, quando a Teavana¹⁰ lançou um novo produto, o Youthberry® White Tea, comercializado em forma de sachês, em suas lojas virtuais, que, atualmente, é uma infusão refrescante de abacaxi doce e frutado de açaí com sutil acabamento floral. Esse chá branco possui os seguintes ingredientes em sua composição: passas vermelhas, açaí¹¹, hibisco, pétalas de rosa, abacaxi, mangas e maçãs Fuji (Figura 1). Ele também pode ser consumido nas lojas da Starbucks¹² nos Estados Unidos, onde outra forma de encontrar o açaí é como um flavor (mistura de açaí com iogurte) (Figura 2).

Figura 1 – Chá Branco Youthberry em forma do Sachê (Blend e Aromatizado) da Teavana



Fonte: Site da Teavana

⁹ BEZERRA, V. S.; FREITAS-SILVA, O.; DAMASCENO, L. F. Açaí: produção de frutos, mercado e consumo. In: JORNADA CIENTÍFICA DA EMBRAPA AMAPÁ, 2., 2016, Macapá. **Resumos...** Macapá: Embrapa Amapá, 2016. p. 19.

¹⁰ A Teavana é uma companhia de chá americana. Fonte: www.teavana.com/us/en/home

¹¹ Pó do fruto do açaí

¹² Starbucks é a empresa multinacional com a maior cadeia de cafeteria do mundo, tendo sua sede em Seattle, EUA. A companhia criou o seu nome inspirado em parte pelo personagem Starbuck do livro Moby Dick, e o seu logótipo é um entalhe escandinavo do século XVI de uma sereia com duas caudas. <https://www.starbucks.com.br>

Figura 2 – Youthberry® White Tea da Teavana e flavor (açá com iogurte) vendidos nas lojas americanas da Starbucks



Fonte: Site da Starbucks

No Brasil, segundo informações obtidas no site da Glamurama¹³, a marca Frooty é a que mais vende açá no mercado interno, exportando para 21 países. Para se ter uma ideia, de cada 10 potes de açá comercializados no mercado brasileiro, 6,5 são da Frooty.

Em relação ao mercado varejista de açá batido, esse pode ser configurado em três segmentos: a) bateadeira ou local onde o açá é despolpado e vendido diretamente ao consumidor, representando 37% do mercado; b) microempreendedores com pontos de venda com marca específica, participando em 40%, e c) segmento supermercado composto de redes de supermercados, praças de alimentação em shoppings e pontos de venda em que o açá é o produto principal, que a partir de 2002 conquistaram 23% desse mercado, representando um novo ponto de venda do produto (BEZERRA, V. S. et al, 2016).

De acordo com The Magazine's Money Issue¹⁴, no Brasil, os coletores do açá tiveram seus meios de subsistência melhorados, mas também complicados por um aumento da demanda nos Estados Unidos. O grande gargalo do aumento das exportações do açá é a produção nacional conseguir atender a demanda, cada vez mais crescente, por esse produto no mercado global.

¹³ <http://glamurama.uol.com.br/o-empresario-que-conquistou-o-mercado-com-a-fruta-gosto-de-terra-o-acai/>

¹⁴ The Magazine's Money Issue – Tracing the strange connections of a global economy. May 4, 2017. <https://www.nytimes.com/2017/05/04/magazine/the-magazines-money-issue.html>

Amêndoa de Babaçu

Ênio Carlos Moura de Souza

Colaboração: Laís Siqueira de Jesus

1. Panorama nacional

O Babaçu (*Orbygnia phalerata*) é uma das mais importantes palmeiras brasileiras. Presente na Amazônia, na Mata Atlântica, no Cerrado e na Caatinga com abrangência de 13 a 18 milhões de hectares em 279 municípios situados em 11 estados (Embrapa). Dessa palmeira pode ser extraído o coco babaçu com uma gama de finalidades, responsável por gerar renda a muitas famílias.

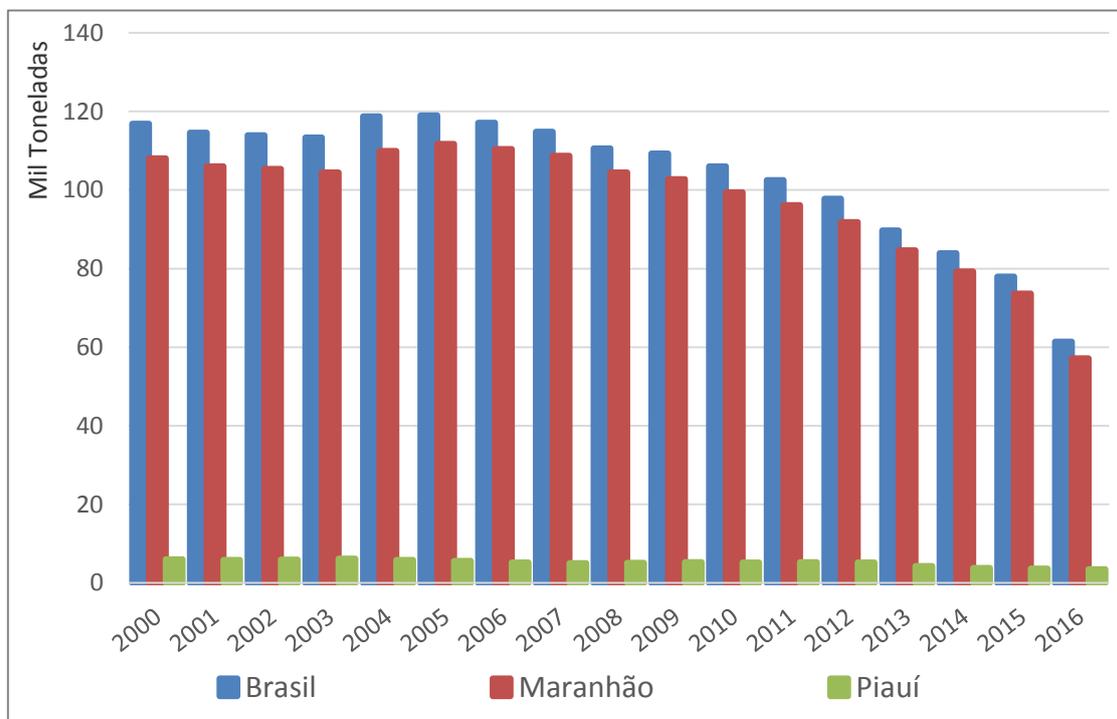
Dentro da organização familiar a coleta e a extração das amêndoas do babaçu cumprem a função de ocupação da mão de obra predominantemente feminina, com escassas oportunidades de emprego, possibilitando a geração de renda monetária necessária à aquisição de bens de consumo. Normalmente a população envolvida no extrativismo desta palmeira possui renda inferior a um salário mínimo. Assim, a Política de Garantia de Preços Mínimos para Sociobiodiversidade é fundamental na implementação da renda dessas famílias que, em geral, habitam municípios de baixo IDH e poucas alternativas de trabalho.

1.1 Produção

A produção de 2016 da amêndoa de babaçu divulgada pelo IBGE apontou uma queda no volume produzido de 21%, ou seja, acima da média dos últimos 5 anos que apontava queda por volta de 6% ao ano. Assim, a situação se agrava por diversos motivos como as queimadas que avançam nos babaçuais no Maranhão, a desistência da mão de obra pela atividade de quebra de coco, o avanço da agricultura convencional em áreas nativas, e muitas outras razões.

Na próxima sessão ficará mais evidente o efeito da queda da oferta sobre os preços, que tendem a subir dada a escassez desse insumo. Tanto as associações e cooperativas dedicadas ao azeite de babaçu quanto as pequenas indústrias e unidades de beneficiamento dedicadas ao óleo bruto perdem espaço de mercado com insumos mais caros e pouca quantidade ofertada.

Gráfico 1 – Produção nacional de Amêndoa de babaçu – 2000 até 2016.



Fonte: PEV's – IBGE

1.2 Análise de mercado

Tabela 1 – Preço pago ao Produtor – Amêndoa de babaçu (R\$/Kg)

UF	3º TRIMESTRE DE 2016			3º TRIMESTRE DE 2017			VARIACÕES PERCENTUAIS		
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C
	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET			
CE	1,25	1,35	1,41	1,30	1,30	1,30	4%	-4%	-8%
MA	1,40	1,40	1,40	1,70	1,70	1,65	21%	21%	18%
PA	1,10	1,10	1,10	1,50	1,50	1,50	36%	36%	36%
PI	1,62	2,08	2,23	2,34	2,24	2,18	44%	8%	-2%
TO	1,19	1,17	1,18	1,50	1,50	1,50	26%	28%	27%

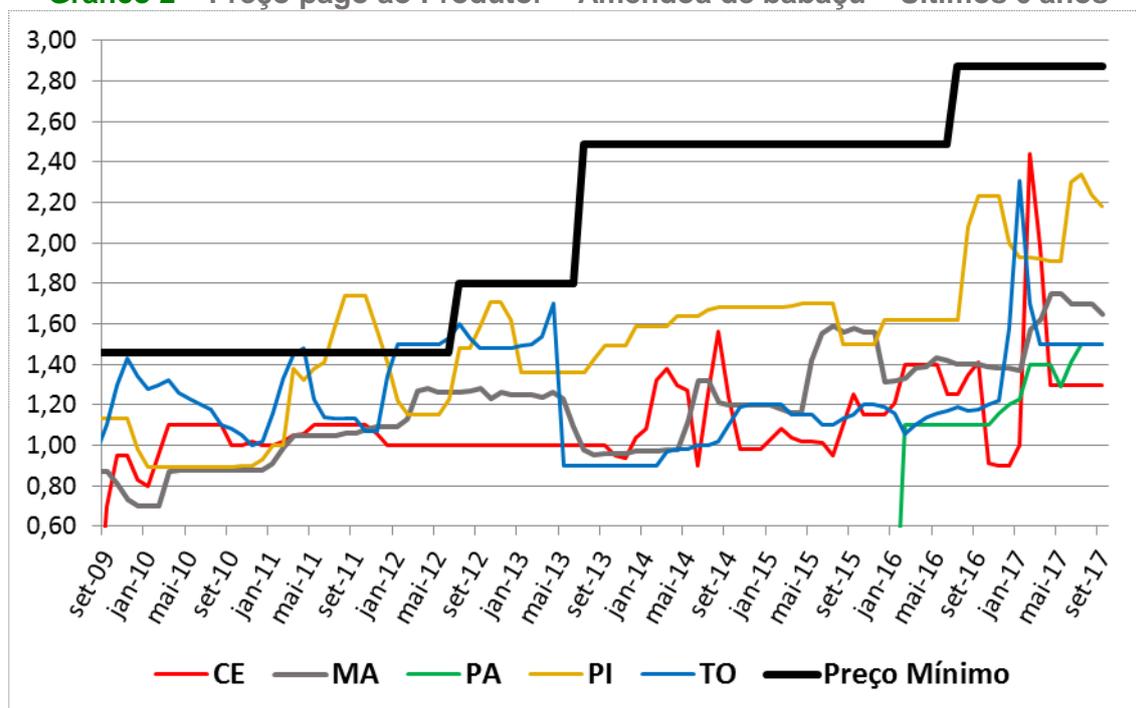
Fonte: Conab

Como relatado anteriormente, a produção no Brasil e principalmente no Maranhão de amêndoa de babaçu tem apresentado quedas significativas nos últimos anos e em 2016 superou os 20% em relação à safra anterior. Isso significa aumento de preços da amêndoa pela escassez do produto devido a fatores já abordados.

Face a sua importância socioeconômica para as regiões e comunidades rurais, o aumento de preços deveria ser fruto da organização e profissionalização da cadeia produtiva e da valorização do produto final no seu adequado nicho de mercado. Infelizmente esse aumento de preços não reflete maior renda ao produtor extrativista, que agora tem maior custo em produzir a mesma quantidade de amêndoa, dadas as maiores distâncias que é necessário percorrer para encontrar palmeiras com quantidades desejadas de fruto, fazendo valer a pena o esforço de produzir.

Com esse cenário se desenvolvendo, a cadeia produtiva fica cada vez mais sensível e propensa a não prevalecer. A valorização dos produtos da sociobiodiversidade, mormente em momentos de evidência da necessidade do cuidado com o meio ambiente, é de suma importância na proteção dos recursos naturais e manutenção de renda de familiar rurais. O gráfico 2 demonstra o movimento dos preços pagos ao produtor de amêndoa de babaçu nos últimos anos.

Gráfico 2 – Preço pago ao Produtor – Amêndoa de babaçu – Últimos 6 anos



Fonte: Conab

Amêndoa de Cacau

Ênio Carlos Moura de Souza
Colaboração: Pamela Bispo da Silva

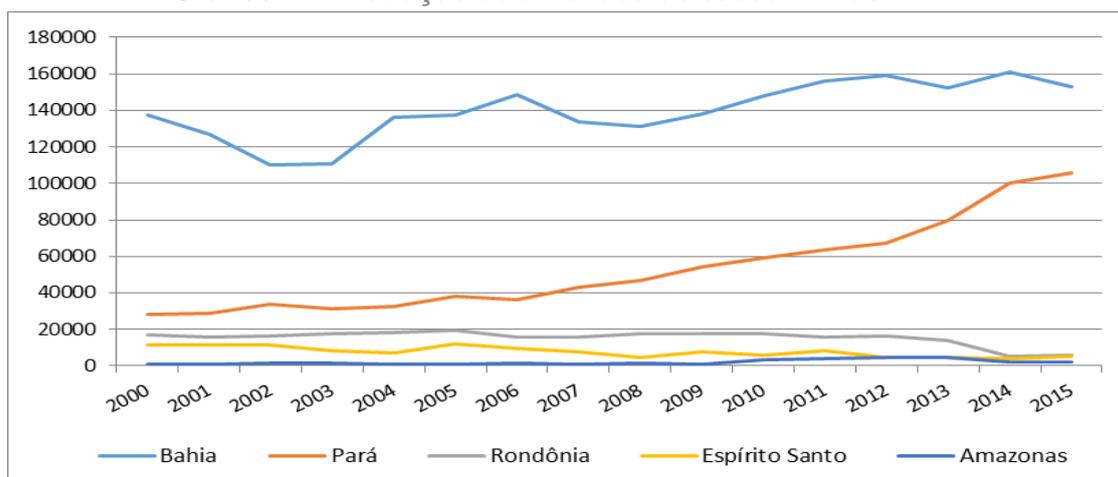
1. Panorama nacional

1.1 Produção

A previsão de safra mundial para 2016/17 é aproximadamente 20% superior à de 2015/16, de acordo com os dados da ICCO. Em relação ao Brasil, espera-se um incremento de 35%, se comparado ao período anterior. Esse incremento na oferta tem levado os preços para baixo nos últimos meses. Todavia, o consenso entre as principais previsões¹⁵ é que o preço baixo no mercado de subprodutos do cacau para o consumidor final irá estimular a demanda nos próximos meses, gerando reação nos preços e findando com os movimentos de queda.

De acordo com o IBGE, os dados de até 2015 apontavam crescimento acelerado da produção no Pará nos últimos oito anos. Na Bahia, apesar de oscilante, a tendência média é de crescimento. A importância da trajetória de produção em ambos os estados citados é de grande relevância para o cenário nacional por serem detentores de quase 95% de toda a oferta.

Gráfico 1 – Produção de amêndoa de cacau – Brasil.



Fonte: IBGE

¹⁵ Fonte: Datamark Brasil. Disponível em:

<<http://www.datamark.com.br/noticias/2017/2/precos-de-cacau-no-mercado-internacional-podem-subir-225245/>> Acesso em: ago. 2017.

1.2 Análise de mercado

Tabela 1 – Preço pago ao Produtor – Amêndoa de cacau (R\$/Kg)

UF	3º TRIMESTRE DE 2016			3º TRIMESTRE DE 2017			VARIÇÕES PERCENTUAIS		
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C
	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET			
AM	5,50	5,50	5,50	4,55	4,53	4,53	-17%	-18%	-18%
PA	9,65	9,80	9,60	6,53	6,32	6,20	-32%	-36%	-35%
BA	10,37	10,41	10,28	6,62	6,54	6,48	-36%	-37%	-37%
RO	9,32	10,41	10,28	6,14	5,70	5,61	-34%	-45%	-45%
ES	11,38	10,87	10,17	6,92	6,69	6,48	-39%	-38%	-36%

Fonte: Conab

As quedas de preços do mercado externo¹⁶ fizeram os preços internos da amêndoa de cacau caírem também em todos os estados produtores. As menores quedas se registram no estado do Amazonas, onde o patamar de preços é o mais baixo dentre os estados produtores.

Sobre os municípios amazonenses, também houve oscilações negativas nos principais produtores. Exceção a essa variação negativa são as cidades de Boca do Acre e Coari, onde os preços reagiram positivamente nessa métrica de comparação, não significando que durante outros períodos não ocorressem oscilações negativas, como demonstra o gráfico 2.

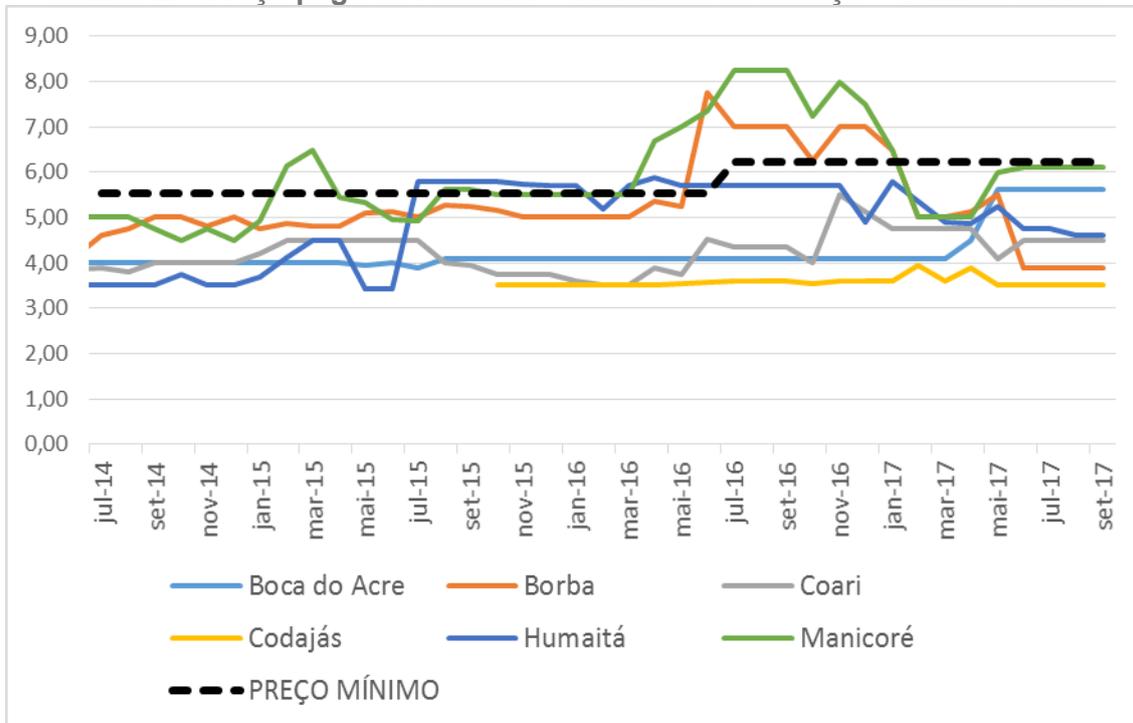
Tabela 2 – Preço pago ao Produtor – Amêndoa de cacau (R\$/Kg)

UF	3º TRIMESTRE DE 2016			3º TRIMESTRE DE 2017			VARIÇÕES PERCENTUAIS		
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C
	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET			
Boca do Acre	4,10	4,10	4,10	5,62	5,62	5,62	37%	37%	37%
Borba	7,00	7,00	7,00	3,90	3,90	3,90	-44%	-44%	-44%
Coari	4,35	4,35	4,35	4,50	4,50	4,50	3%	3%	3%
Codajás	3,60	3,60	3,60	3,50	3,50	3,50	-3%	-3%	-3%
Humaitá	5,70	5,70	5,70	4,60	4,60	4,60	-19%	-19%	-19%
Manicoré	8,25	8,25	8,25	6,10	6,10	6,10	-26%	-26%	-26%

Fonte: Conab

¹⁶ Devido a previsão de safra recorde.

Gráfico 2 – Preço pago ao Produtor – Amêndoa de babaçu – Últimos 6 anos



Fonte: Conab

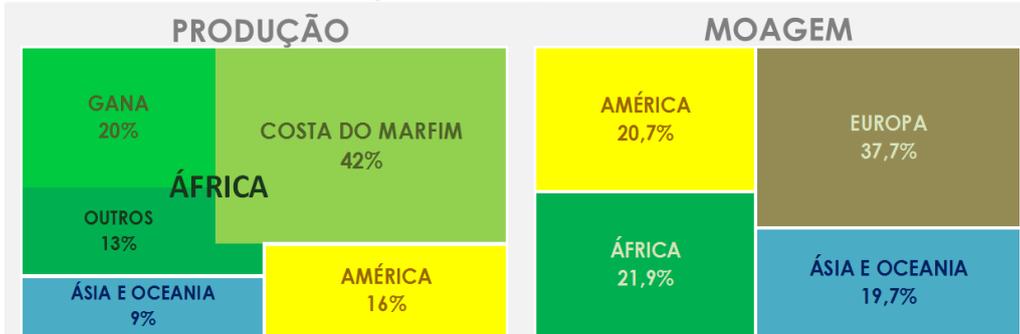
2. Panorama Internacional

A produção de amêndoa de cacau no mundo hoje é dominada por países africanos, principalmente aqueles próximos à linha do equador, face às condições climáticas adequadas ao desenvolvimento da planta.

Apenas esse continente é responsável por 75% da produção mundial de cacau. Dentre os países de maior produção tem-se Costa do Marfim e Gana, com 42% e 20%, respectivamente. A América Latina e a Oceania, juntas, representam a maior parte dos restantes 25% da produção.

Quando o assunto é moagem de amêndoa, o cenário muda completamente. Apesar de não produzir, a Europa é responsável por quase 38% do processamento de amêndoa, e a África, que é o maior continente produtor, vai beneficiar menos de um quarto do que produz.

Gráfico 3 – Produção e Moagem de amêndoa de cacau

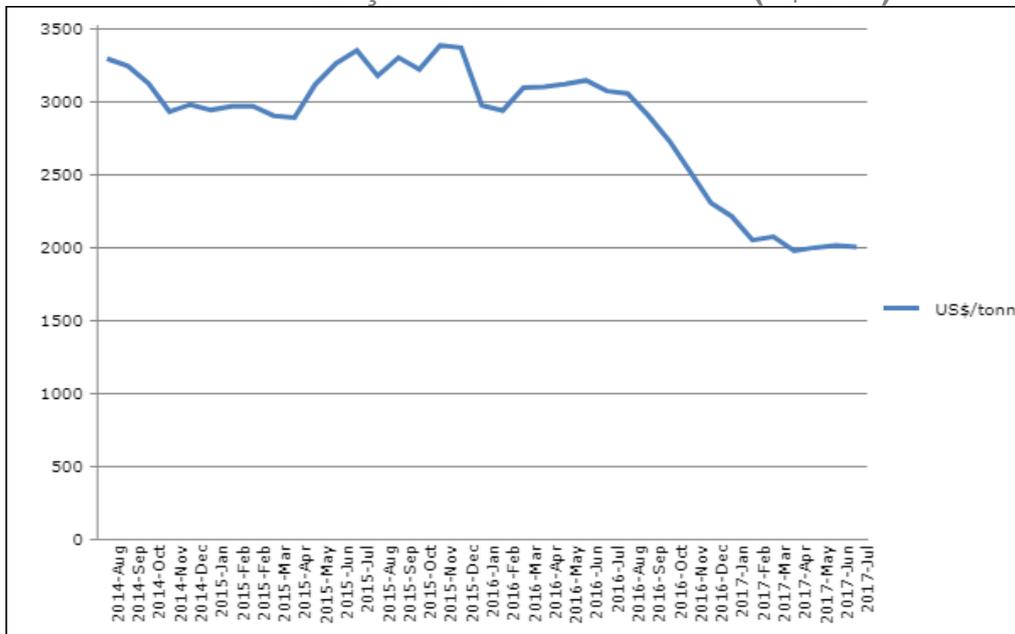


Fonte: ICCO

2.1. Preços Internacionais

De acordo com os dados de preços internacionais da ICCO, desde o primeiro trimestre de 2016 os preços em dólar por tonelada de amêndoa de cacau vêm caindo, consistentemente, nas bolsas de NY e Londres. É possível também notar estabilidade entre maio e julho de 2017.

Gráfico 4 – Preço de amêndoa de cacau (US\$/Ton.)



Fonte: ICCO

A queda nos preços é atribuída à expectativa de safra 20% superior à safra 2016/17, de acordo com os dados da ICCO17. Costa do Marfim, o maior produtor do mundo, cresce em mais de 25% em volume produzido, caso se

¹⁷ Últimos dados publicados em 31/05/2017.

confirme a expectativa.

A estabilidade vista nos últimos meses da série de preços pode ser atribuída ao fato de que a demanda vem reagindo à queda de preços nos produtos finais e a tendência é que os preços parem de cair de forma acentuada, como visto nos meses anteriores.

2.2. Oferta e Demanda

Em 2016/17 a previsão de produção no continente africano é de 3.525 mil toneladas, isto é, 21% superior à safra anterior. Na América está previsto volume 17% maior e na Ásia e Oceania, a produção será praticamente estável.

Posto dessa forma, percebe-se a importância do continente africano na produção mundial de amêndoa. Em termos percentuais os países que estão puxando o crescimento mundial são: Costa do Marfim, Gana, Brasil e Equador.

Tabela 3 – Produção mundial de amêndoa de cacau (mil toneladas)

	2014/15		2015/16*		2016/17**	
África	3.074	72.3%	2.917	73.4%	3.525	75.1%
Camarão	232	5%	211	5%	240	5%
Costa do Marfim	1.796	42%	1.581	40%	1.980	42%
Gana	740	17%	778	20%	950	20%
Nigéria	195	5%	200	5%	220	5%
Outros	110	3%	147	4%	135	3%
América	777	18.3%	658	16.6%	767	16.3%
Brasil	230	5%	140	4%	190	4%
Equador	261	6%	232	6%	270	6%
Outros	286	7%	286	7%	307	7%
Ásia e Oceania	400	9.4%	397	10.0%	401	8.5%
Indonésia	325	8%	320	8%	310	7%
Papua Nova Guiné	36	1%	36	1%	41	1%
Outros	39	1%	41	1%	50	1%
Mundial	4.251	100.0%	3.972	100.0%	4.692	100.0%

Fonte: ICCO

Quando se analisa a previsão de moagem de cacau para a safra 2016/17, observa-se um crescimento superior a 3% em relação à safra passada. Essa variável pode ser uma boa proxy para saber como está a demanda por produtos derivados de cacau ao consumidor final. Com a queda dos preços a expectativa é o aumento do consumo de chocolates,

estabilizando os preços ao produtor de cacau e nas bolsas internacionais.

A tabela 4 apresenta os dados previstos pela ICCO para moagem na safra 2016/17. Segundo essas informações, o Brasil vem registrando demanda estável por produtos derivados de cacau nas últimas três safras, diferente da produção que tem oscilado nesse mesmo período.

Tabela 4 – Moagem mundial de amêndoa de cacau (mil toneladas)

	2014/15		2015/16*		2016/17**	
Europa	1551	37.3%	1596	38.6%	1608	37.7%
Alemanha	415	10%	430	10%	413	10%
Holanda	503	12%	535	13%	538	13%
Outros	633	15%	631	15%	657	15%
África	876	21.1%	767	18.6%	840	19.7%
Costa do Marfim	558	13%	492	12%	550	13%
Gana	234	6%	202	5%	220	5%
Outros	84	2%	74	2%	70	2%
América	878	21.1%	889	21.5%	882	20.7%
Brasil	224	5%	225	5%	225	5%
EUA	400	10%	398	10%	395	9%
Outros	255	6%	266	6%	262	6%
Ásia e Oceania	849	20.4%	876	21.2%	933	21.9%
Indonésia	335	8%	382	9%	400	9%
Malásia	195	5%	194	5%	215	5%
Outros	318	8%	301	7%	318	7%
Mundial	4154	100.0%	4129	100.0%	4263	100.0%
Moagem na origem	1870	45.0%	1803	43.7%	1912	44.9%

* Estimado; **Previsão

Fonte: ICCO

As exportações de produtos diversos com cacau sofreram forte queda entre 2005 e 2014. Nos últimos dois anos as exportações se estabilizaram. O Brasil, ainda segundo previsões, seria responsável por beneficiar 225 mil toneladas de cacau na safra 2016/17, ou seja, seria a importação do produto para processamento. O mercado interno ainda tem um grande potencial de consumo de chocolate, que está em torno de 2,8 kg/ano¹⁸, muito inferior aos 10kg/ano de países europeus como Alemanha e Suíça, por exemplo. Por isso, os números indicam que a moagem de cacau no Brasil tem priorizado o mercado interno, haja vista que as exportações têm diminuído e as importações em 2016 foram superiores.

Os sinais é de que o mercado interno está em processo de crescimento da demanda, de produtos derivados de cacau em relação aos anos recentes.

¹⁸ Fonte: Sebrae

Com a melhora dos indicadores econômicos e da economia Brasileira de modo geral, produtos que não fazem parte da cesta básica de consumo ganham mais espaço na alimentação das famílias. Somado a isso, a queda de preços recente da amêndoa irá melhorar os preços para o consumidor final de chocolates e derivados.

Gráfico 5 – Exportações de produtos com cacau



Fonte: MDIC – elaborado pelo autor

A tendência dos estoques nessa safra é de crescimento face a superioridade da produção em relação a moagem. Com isso, o nível de produto estocado para ser processado pode chegar a 42% da necessidade da indústria no ano, a nível global; será a maior quantidade de estoque dos últimos quatro anos.

Tabela 5 – Produção, Moagem e estoque mundial de amêndoa de cacau

SAFRA	PRODUÇÃO		MOAGEM		ESTOQUE FINAL	ESTOQUE /MOAGEM
2007/08	3737	9,0%	3775	2,7%	1538	40,7
2008/09	3592	-3,9%	3537	-6,3%	1557	44,0
2009/10	3634	1,2%	3737	5,7%	1418	37,9
2010/11	4309	18,6%	3938	5,4%	1746	44,3
2011/12	4095	-5,0%	3972	0,9%	1828	46,0
2012/13	3943	-3,7%	4180	5,2%	1552	37,1
2013/14	4370	10,8%	4335	3,7%	1543	35,6
2014/15	4251	-2,7%	4154	-4,2%	1597	38,4
2015/16	3972	-6,6%	4129	-0,6%	1400	33,9
2016/17*	4692	18,1%	4263	3,2%	1782	41,8

*PREVISÃO em Mil Toneladas

Fonte: ICCO

Baru

Humberto Lôbo Pennacchio

1. Panorama nacional

1.1 Produção

Dependendo da região, o calendário sazonal assim está distribuído: a espécie floresce entre os meses de outubro a fevereiro. A formação dos frutos ocorre normalmente de janeiro a junho, sendo que a queda dos frutos maduros inicia em julho e se estende até outubro. A produção de frutos varia muito a cada ano, mas normalmente ocorre de agosto a outubro.

O levantamento da produção brasileira de Barú, efetuado pelo IBGE, instituição oficial de estatística é apresentado em um anexo da Pesquisa sobre a Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura de 2016 (PEVS), último levantamento disponível. Neste levantamento, a pesquisa apresenta uma produção de 544 toneladas de barú, distribuídas em 3 estados brasileiros (GO, MG e MS), resultando em um valor bruto de produção de R\$ 420.000,00 (duzentos e oitenta e quatro mil reais).

Ainda, em relação à produção, o incremento, se comparado a 2015, em quantidade foi de 66,3%. Todavia, analisando o percentual, guardadas as devidas proporções de valor bruto da produção, este alcançou o percentual de 47,9%.

2. Análise de mercado

Tabela 1 – Preços pagos ao Produtor – Baru amêndoa (R\$/kg)

UF	3º TRIMESTRE DE 2016			3º TRIMESTRE DE 2017			VARIÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	jul/16	ago/16	set/16	jul/17	ago/17	set/17				
MG	SI	SI	SI	25,00	25,00	25,00	-	-	-	
MS	40,00	40,00	42,50	60,00	61,96	47,15	50%	55%	11%	R\$ 13,22
MT	19,75	20,60	21,00	SI	20,00	20,00	-	-3%	-5%	

Fonte: Conab/Siagro

De modo geral, as informações sistematizadas quanto à comercialização da amêndoa de baru ainda são bastante escassas -, característica marcante

das cadeias produtivas dos PFM, enfatizando a necessidade de mais organização e assistência.

O acompanhamento dos preços recebidos pelos produtores vem sendo realizado através de um banco de dados inserido no Sistema de Informações Agropecuárias e de Abastecimento – Siagro/Conab desde 2010. A tabela 1, ilustra a evolução dos preços no trimestre em análise, relacionado ao mesmo período do ano anterior, demonstrando, assim, o grande intervalo de valores coletados e com grande sazonalidade nos diferentes estados, bem como a característica da planta, que possui safra intermitente com variações bruscas de intensidade de produção de frutos, de um ano para o outro.

Para efeitos práticos, no tocante à utilização comercial, há de se dizer que apresenta uma safra produtiva a cada 2 anos. Os preços no período observado variaram desde R\$ 19,75/Kg no estado de Mato Grosso, até o pico de R\$ 61,96/Kg, em Mato Grosso do Sul.

Borracha natural extrativa

Humberto Lôbo Pennacchio

1. Panorama nacional

1.1 Produção

Desde o ano de 1986 até os dias atuais, a produção de borracha natural na região amazônica tem apresentado tendência de queda, segundo informações apresentadas pelo IBGE, que em seu último levantamento da Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – PEVS 2016 apresenta um número de 1.202 toneladas produzidas; uma redução de 20,3% em relação ao ano de 2015.

2. Análise de mercado

Em se tratando dos preços recebidos pelos produtores, observa-se que ao se tomar por base as cotações praticadas nos estados do bioma amazônico, inseridos na atividade extrativista, no trimestre analisado no ano de 2016 e no mesmo período de 2017, o coágulo virgem com até 70% de teor de borracha seca (TBS) alcançou a média de R\$ 1,96/kg, em 2016 e R\$ 2,05, para o mesmo período de 2017, 4,6% superior à média dos preços observada, acompanhado a tendência de recuperação projetada no mercado internacional.

A tabela 1 apresenta a variação dos preços nos principais estados com atividade extrativista, observada a característica praticada no mercado interno, da produção localizada em áreas com sérios complicadores logísticos, além de muito distantes da principal região de processamento e consumo -, a região sudeste.

O preço de referência para o granulado escuro brasileiro (GEB), principal produto obtido no processamento do coágulo virgem, principal balizador dos preços no Brasil, aponta para um aumento de 2,5% cotado em R\$ 5,55/Kg, refletindo uma queda nos preços do coágulo, como demonstrado na tabela 1. Este quadro segue influenciado pelo tímido desempenho das cotações internacionais no trimestre em questão, que apresentaram leve reação, com média de US\$ 1,51/Kg, isto é, 6,3% superior ao trimestre anterior.

Tabela 1 – Preços pagos ao Produtor – Borracha Natural –CVP (R\$/Kg)

UF	3º TRIMESTRE DE 2016			3º TRIMESTRE DE 2017			VARIÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	jul/16	ago/16	set/16	jul/17	ago/17	set/17				
AC	1,83	1,78	1,75	1,76	1,81	1,76	-4%	2%	1%	R\$ 5,42
AM	2,06	2,20	2,20	2,21	2,20	2,21	7%	0%	0%	
MT	1,85	1,87	1,91	2,00	2,12	2,25	8%	13%	18%	
PA	2,17	2,08	SI	2,15	2,37	2,35	-1%	14%	SI	
RO	2,10	1,95	1,73	1,80	1,95	1,86	-14%	0%	8%	

Fonte: Conab/Siagro

Carnaúba (cera e pó)

Ênio Carlos Moura de Souza

Colaboração: Luiz Felipe Melo Gonzaga

1. Panorama nacional

A carnaubeira (*Copernicia prunifera*) é uma espécie de palmeira, do tipo xerófito, nativa da região semiárida do Nordeste brasileiro e, estima-se, possui vida produtiva de 200 anos. É uma espécie bastante resistente, que se adapta muito bem a estiagens severas e inundações. Essa palmeira ocorre nos vales dos rios da região da caatinga, principalmente do Parnaíba e seus afluentes, do Jaguaribe, do Acaraú, do Apodi e do médio São Francisco. A carnaubeira é endêmica dos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, e pode ser encontrada, também, em parte do Pará, Tocantins, Maranhão, Goiás, Amazonas e Bahia.

Diferentemente das outras palmeiras, a carnaubeira não tem no fruto o principal produto de sua exploração. As folhas da carnaúba fornecem uma série de produtos e derivados, tanto na sua forma natural como após a secagem e beneficiamento. Porém, de todos os produtos oferecidos, o pó cerífero extraído das folhas é o de maior importância econômica. O Brasil é o único país do mundo que produz a Cera de Carnaúba.

Essa peculiaridade se deve às altas temperaturas no semiárido nordestino, que proporcionam um aumento na transpiração da planta, e à salinidade dos solos. Estes fatores somados, estimulam um mecanismo de defesa foliar, que é a produção de uma substância cerosa (cutina), que evita a perda excessiva de água pela planta. A cera é produzida a partir do pó cerífero presente na superfície foliar. As características são diferentes daquelas extraídas das folhas jovens que ainda não foram abertas, chamadas de olho, e o pó das folhas já abertas, também chamadas de palha.

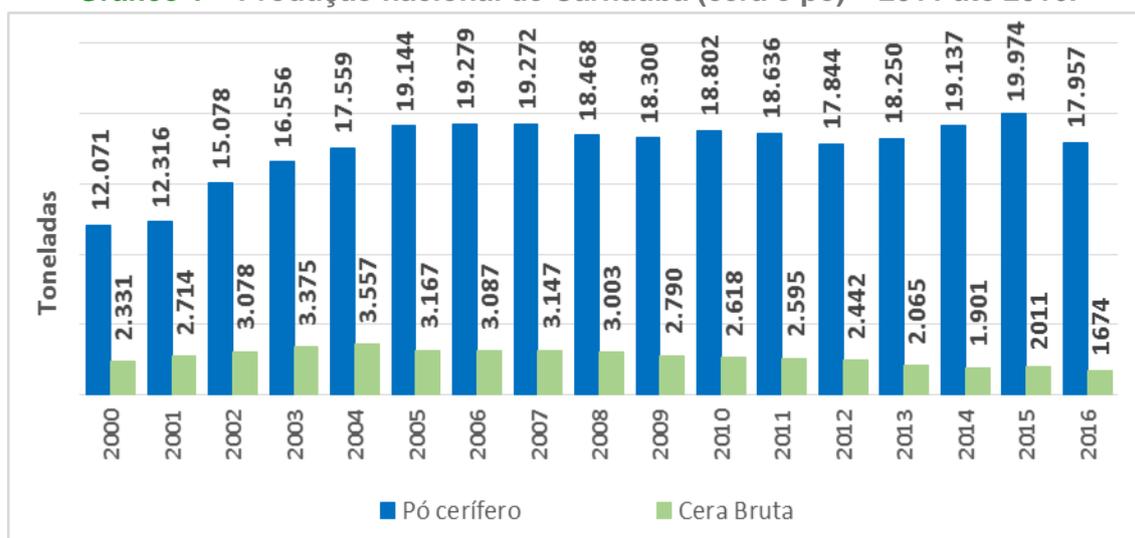
1.1 Produção

O pó cerífero é o principal insumo para a cera de carnaúba. Desta maneira, a sua produção influencia diretamente na quantidade produzida do outro. A demanda externa por cera de carnaúba se mantém aquecida pois é um produto único com utilidade em diversas etapas produtivas de diversos segmentos de indústrias.

O processo produtivo de pó cerífero no nordeste brasileiro é arcaico e com pouca tecnologia inserida, o que causa perdas grandes durante algumas etapas do processo, como na fase de secagem das folhas, por exemplo. Essa perda de produtividade vem acompanhada da perda de qualidade do produto que muitas vezes fica exposto a impurezas. Esses fatores, aliados ao desmatamento da palmeira crescente, têm proporcionado queda na oferta de pó cerífero de boa qualidade, levando o mercado a precificar em patamares mais elevados, o pó de boa qualidade.

O gráfico 1 aponta essa queda de produção na safra 2016 em relação à safra anterior, que vinha se recuperando.

Gráfico 1 – Produção nacional de Carnaúba (cera e pó) – 2011 até 2016.



Fonte: PEV's – IBGE

1.2 Análise de mercado

As quedas nos preços do pó cerífero colocam fim a um período de seguidas altas de preços. Desde a safra de 2016 os preços vêm caindo como reflexo do fim dos altos bônus dados aos produtos de maior qualidade, que puxavam a média de preços para cima.

Todos os estados pesquisados apresentam esse recuo dos preços pagos aos produtores, porém ainda assim o pó cerífero tipo B continua acima do preço mínimo estabelecido pelo governo federal, com exceção pontual do estado do Ceará em setembro de 2017 que apresentou preço de R\$8,28 enquanto o preço mínimo está fixado em R\$8,30.

Tabela 1 – Preço pago ao Produtor – Pó Cerífero tipo B (R\$/Kg)

UF	3º TRIMESTRE DE 2016			3º TRIMESTRE DE 2017			VARIÇÕES PERCENTUAIS		
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C
	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET			
CE	10,25	9,88	9,50	9,11	9,11	8,28	-11%	-8%	-13%
PI	10,13	10,00	9,75	9,00	9,13	9,33	-11%	-9%	-4%
RN	11,01	10,94	10,78	10,75	10,87	11,00	-2%	-1%	2%

Fonte: Conab

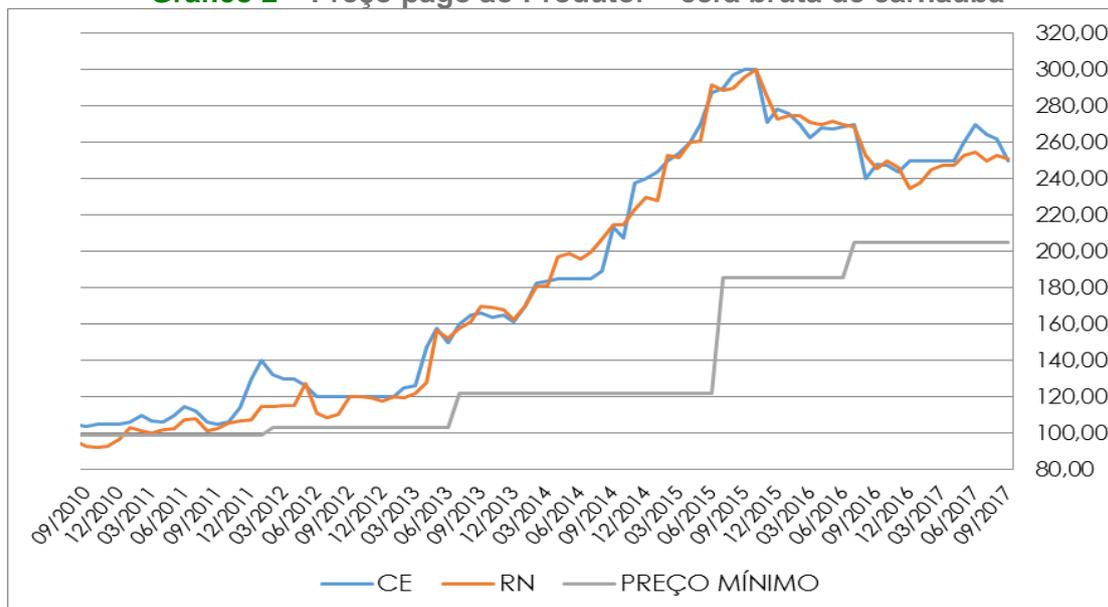
Assim como o insumo, a cera bruta também recuou os preços em relação ao mesmo período da safra passada, no entanto, com menos intensidade do que o pó, e com a exceção do Ceará que apresentou alta de preços nos meses de agosto e setembro. Por ser produzido em escala menor, face à preferência das indústrias pelo pó, o mercado de cera é menos suscetível a variações bruscas de preços.

Tabela 2 – Preço pago ao Produtor – Pó Cerífero tipo B (R\$/Kg)

UF	3º TRIMESTRE DE 2016			3º TRIMESTRE DE 2017			VARIÇÕES PERCENTUAIS		
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C
	JUL	AGO	SET	JUL	AGO	SET			
CE	270,00	240,00	248,34	264,74	262,17	250,00	-2%	9%	1%
RN	269,00	253,25	245,63	250,00	253,04	251,43	-7%	0%	2%

Fonte: Conab

Gráfico 2 – Preço pago ao Produtor – cera bruta de carnaúba



Fonte: Conab

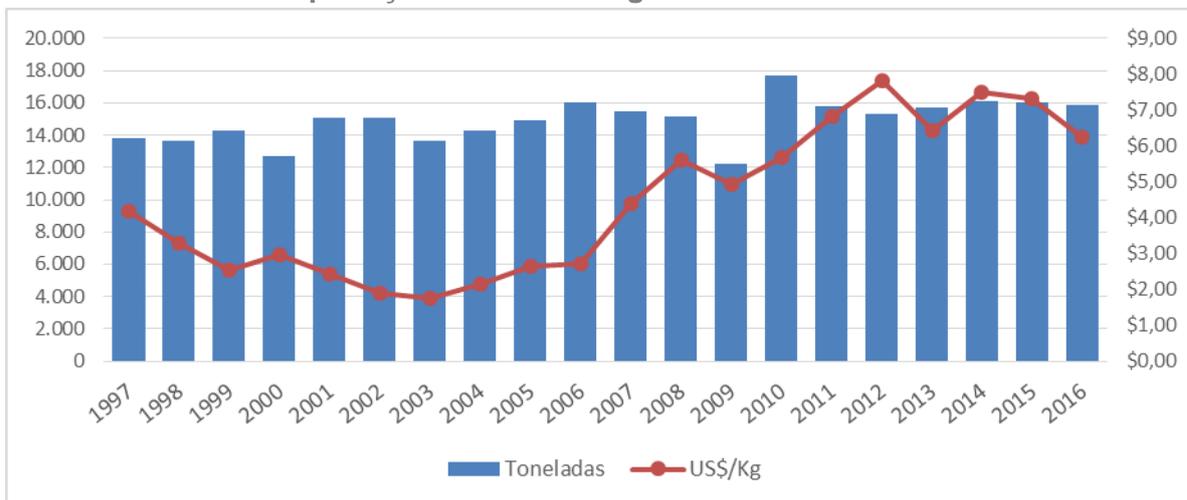
2. Panorama Internacional

A Cera de Carnaúba classificada é um produto que serve de insumo para vários tipos de indústrias, entre estas: a alimentícia, farmacêutica, automotiva, dentre outras. Estima-se que mais de 85% do que é produzido no Brasil vai para o exterior. O Brasil é o único produtor dessa cera no mundo, sendo frequente no Nordeste, como já dito anteriormente.

O gráfico 3 revela que o valor das exportações tem crescido desde 2006, de forma acentuada, o que parece ser um esforço do mercado externo em ter a oferta desse produto único no mundo. Desde o ano citado até 2016, esse valor das exportações já acumulou alta superior a 131%. Vale ressaltar que, quem define o preço da cera é o mercado externo, ou seja, é um tipo de mercado onde o próprio comprador tem promovido reajustes positivos nos preços para garantia de fornecimento.

Apesar da tendência de crescimento da década passada e do início da atual, desde 2015 o valor das exportações tem caído, movimento que se reflete nos preços da cera, como já demonstrado anteriormente.

Gráfico 3 - Exportações de Ceras Vegetais – em dólar americano.



Fonte: MDIC – elaborado pelo autor.

Piaçava

Ana Rita Lopes Farias Freddo
Colaboração: Laís Siqueira de Jesus
Pâmela Bispo da Silva

1. Panorama nacional

Há uma grande diferença entre as cadeias de produção da piaçava nos dois principais Estados produtores brasileiros, Bahia e Amazonas, devido ao ecossistema em que reside cada uma das duas espécies.

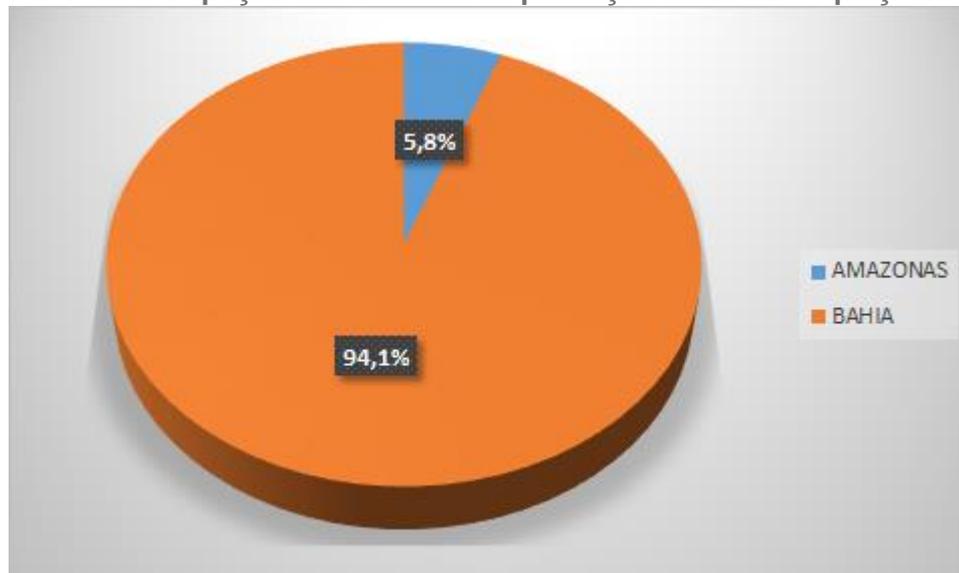
Na Bahia, a palmeira ocorre nos ecossistemas associados à Mata Atlântica, e a extração da piaçava, além de ajudar a preservá-la, gera renda às comunidades locais extrativistas, dentre elas os quilombolas.

Já no Amazonas, embora a produção seja relativamente pequena, a atividade é importante economicamente para algumas áreas, como por exemplo, Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira e Presidente Figueiredo. Vale destacar que o isolamento e a falta de oportunidades com outras formas de subsistência ajudam na importância dessa atividade nessa região.

1.1 Produção

Segundo os últimos dados oficiais, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2016, a produção nacional de piaçava foi de, aproximadamente, 45,6 mil toneladas de fibra bruta, com valor movimentado de 103,7 milhões de reais e valor médio pago pelo kg do produto em R\$ 2,27, sendo os Estados da Bahia e do Amazonas os principais produtores nacionais, com 94,1% e 5,8%, respectivamente, de participação, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Participação dos Estados na produção nacional de piaçava - 2016



Fonte: IBGE. Elaboração: Conab

2. Panorama Internacional

2.1. Exportações

Analisando o terceiro trimestre de 2017, conforme Tabela 1, as exportações de matérias vegetais como sorgo, piaçava, raiz de grama e tampico, tiveram os seguintes destinos: Alemanha, Reino Unido, tradicionais países compradores da fibra de piaçava, Estados Unidos, que voltou a adquirir este produto depois de um certo tempo, e Turquia, sendo que este último exporta o coco da piaçava.

Tabela 1 – Exportações de matérias vegetais das espécies, principalmente as utilizadas na fabricação de vassouras, escovas, pincéis e artigos semelhantes (por exemplo sorgo, piaçava, raiz de grama e tampico), mesmo torcidas ou em feixes

País	3º TRIMESTRE DE 2013		3º TRIMESTRE DE 2014		3º TRIMESTRE DE 2015		3º TRIMESTRE DE 2016		3º TRIMESTRE DE 2017	
	Peso Líquido (ton)	US\$/ton								
Alemanha	3	13	12	48	4	14			3	12
Bélgica	11	39								
Egito							114	63		
Reino Unido			8	41			10	31	11	40
Turquia									26	7
Portugal			6,45	25						
Estados Unidos									1,6	0,5

Fonte: MDIC. Elaboração: Conab

3. Análise de mercado

3.1. Tabela de preços e Análise de Mercado

Tabela 2 – Preço pago ao produtor extrativista pela fibra da piaçava bruta (R\$/kg)

UF	3º TRIMESTRE DE 2016			3º TRIMESTRE DE 2017			VARIÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	jul/16	ago/16	set/16	jul/17	ago/17	set/17				
Amazonas	2,42	2,61	3	1,84	1,72	1,51	-24%	-34%	-50%	1,91
Bahia	1,13	1,13	1,13	1,13	1,13	1,13	0%	0%	0%	

Fonte/Elaboração: Siagro/Conab

No terceiro trimestre de 2017, tanto no Amazonas quanto na Bahia, o preço médio pago aos produtores extrativistas, pelo quilograma comercializado da fibra da piaçava, esteve abaixo do preço mínimo estabelecido pelo governo federal, podendo ter havido uma demanda pelo recebimento da subvenção por parte dos piaçaveiros locais.

Na tabela acima, verifica-se que os preços médios, recebidos pelos piaçabeiros amazonenses, nos meses de julho, agosto e setembro desse ano, em relação ao mesmo período do ano passado, apresentaram decréscimos bastante significativos, variando de 24% a 50%. Isso se deveu aos seguintes fatores: a) maior oferta em relação à baixa demanda nesse período e b) a forte concorrência que a fibra da piaçava sofre das fibras sintéticas no mercado nacional, ambos contribuindo significativamente para uma queda acentuada nos preços pagos aos extrativistas.

Já os preços pagos aos produtores extrativistas baianos, mantiveram-se constantes no mesmo período analisado, resultante da baixa atratividade e remuneração desta atividade aos extrativistas dessa região.

Apesar da cadeia de produção da piaçava ainda passar por um momento de desestruturação, um novo mercado está surgindo para a fibra da piaçava: o artesanato de peças vinculadas à “moda consciente”.

De acordo com o artigo “ A solution to scaling socially Conscious Fashion”, publicado no site da Forbes¹⁹, os consumidores de moda consciente manifestam sua consciência em termos ambientais, sociais e de qualidade,

¹⁹ A solution to scaling socially Conscious Fashion. Publicado em 3 de junho de 2014 <https://www.forbes.com/sites/women2/2014/06/03/a-solution-to-scaling-farm-to-table-fashion/#2d54d3a56c95>

buscando produtos criados a partir de materiais de melhor qualidade, desenvolvidos pensando numa estética atemporal e feitos para durar.

E é nesse nicho de mercado diferenciado que a fibra da piaçava vem ganhando destaque, nos últimos anos, no cenário nacional, conforme será, sucintamente, abordado abaixo.

De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae²⁰, artesãos do Estado do Amazonas viraram destaque após participarem do Brasil Original²¹. O projeto criou coleções nos municípios de São Gabriel da Cachoeira e Barcelos, em conjunto com os artesãos que elaboraram novos produtos, gerando mais valor agregado às peças que são acessórios exclusivos, itens decorativos, peças de vestuários, entre outros.

Ainda de acordo com o Sebrae, as criações trazem a identidade do povo indígena e suas heranças. As matérias primas utilizadas são fibras vegetais colhidas, tingidas (ou não) e entrelaçadas. Piaçava, uambé e tucum dão formas a vasos, fruteiras e luminárias, sempre inspiradas na arquitetura da floresta. Os objetos já foram apresentados em revistas de grande circulação como a Casa Cláudia, Casa Vogue e Casa Jardim, estiveram presentes na exposição inaugural do Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), no Rio de Janeiro, em 2016, e até uma emissora brasileira se interessou em adquirir peças para utilizar nos cenários das novelas e programas.

Segundo a Associação Comercial do Amazonas – ACA²², antes restritos as calçadas e feiras, as peças artesanais passaram a ocupar as vitrines de três shoppings amazonenses. Apenas a loja Brasil Original, do Sebrae, localizada num desses shoppings, reúne mais de mil peças, produzidas por membros de 168 famílias dos municípios de Barcelos, São Gabriel da Cachoeira, Benjamin Constant, Manaus e da Reserva Anamã, no município homônimo, que integram o projeto do Sebrae “Brasil Original Artesanato do Amazonas”, cuja estratégia é abrir mais canais de comercialização para o artesanato local.

²⁰ <http://www.sebraemercados.com.br/caso-de-sucesso-artesanato-indigena-do-amazonas-2/>

²¹ O Brasil Original é um projeto idealizado pelo Sebrae que surgiu com a finalidade de reposicionar o artesanato brasileiro, aliando a força das tradições com capacitação inovadora, trazendo valorização do produto perante o mercado. Um desdobramento do programa foi no Estado do Amazonas, uma parceria do Sebrae/AM e o designer Sérgio J. Matos.

²² <http://www.aca.org.br/2016/11/18/das-calçadas-e-feiras-aos-shoppings/>

EXECUÇÃO DA PEGPM-BIO 3º TRIMESTRE DE 2017

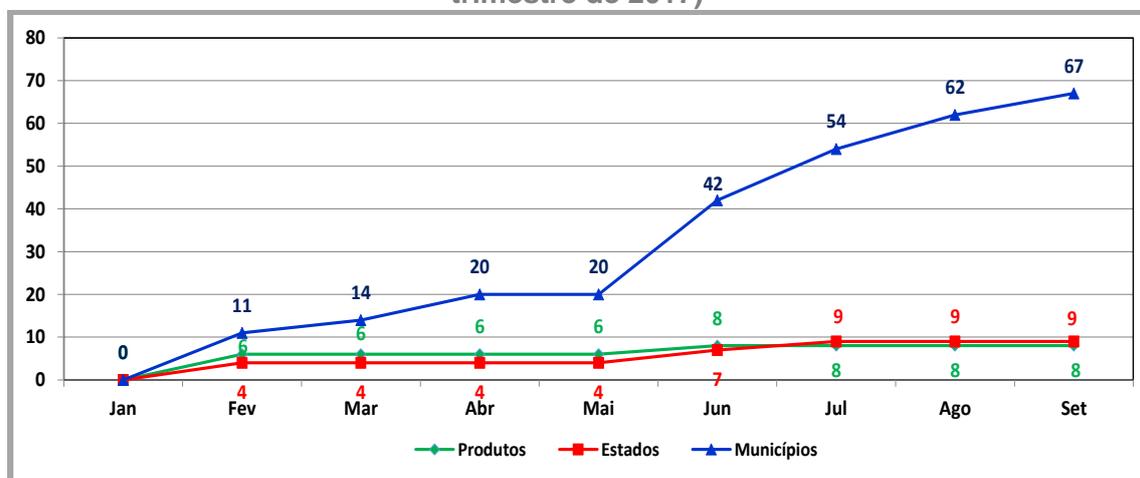
Augusto de Andrade Oliveira

Ao final do 3º trimestre de 2017, os pagamentos efetuados pela PGPM-Bio somaram R\$ 3,35 milhões, totalizando 2,92 mil toneladas de produtos subvencionados, a partir de 2.875 operações realizadas no âmbito dessa política, beneficiando 2.752 produtores extrativistas. Assim, as médias verificadas foram de R\$ 1.218/família e 1.061 kg/família.

No período analisado, a PGPM-Bio foi acessada em 67 municípios de 9 estados, contemplando 8 dos 15 produtos que compõem a pauta desta política.

Abaixo, tem-se o gráfico da evolução mensal das quantidades de estados e municípios e de novos produtos subvencionados, que tiveram operações da PGPM-Bio até o 3º trimestre.

Gráfico 1 – Evolução da quantidade de Estados, Municípios e Produtos (até 3º trimestre de 2017)



Fonte: Sisbio/Conab

Nesse mesmo período, conforme tabela abaixo, houve predominância do acesso à PGPM-Bio de forma individualizada (84%) em relação ao acesso coletivo (16%), efetuado por meio de Associações e Cooperativas.

Tabela 1 – Formas de acesso à PGMB-Bio – Individual x Coletiva (3º Trimestre de 2017)

	R\$	%	Kg	%	Produtores	%	Média (R\$/Produtor)	Média (Kg/Produtor)
Operações encaminhadas Individualmente	2.886.848	86%	2.663.426	91%	2.300	84%	1.255	1.158
Operações encaminhadas por Organizações	467.405	14%	258.089	9%	452	16%	1.034	250
Total	3.354.253	100%	2.921.514	100%	2.752	100%	1.219	1.062

Fonte: Sisbio/Conab

As operações individualizadas, foram responsáveis por 86% dos valores aportados (R\$) e 91% do volume de produtos subvencionados (kg), comprovando a predominância dessa forma de acesso, que contabilizou ainda 84% dos produtores extrativistas que acessaram a PGPM-Bio. Verifica-se uma diferença bastante significativa em relação às médias de quantidades subvencionadas/produtor, quando compara-se as operações individualizadas com as coletivas: 250 kg em operações coletivas, contra 1.158 kg em operações individualizadas. Somente 11 organizações (9 Associações e 2 Cooperativas) acessaram a PGPM-Bio, sendo 6 no MA, 2 no AC e o restante no MT, PA e RO.

O estado do MA continua sendo o grande responsável pela execução da PGPM-Bio, com o pagamento de subvenção à comercialização do babaçu, que contabilizou 69,9% dos valores aportados (R\$ 2,34 milhão), 53,7% da quantidade de produtos (4,56 mil t) e 77,0% do total de produtores extrativistas beneficiados (2.119 produtores).

Já o estado de MG aparece em segundo lugar, registrando 11,6% dos valores (R\$ 388,1 mil) e 35,1% das quantidades (1,02 mil t), sendo responsável pela maior diversidade de produtos subvencionados (umbu, macaúba, mangaba, pequi e pinhão). Em relação à quantidade de produtores extrativistas beneficiados, MG e AC encontram-se praticamente empatados na segunda colocação (170 produtores do AC X 169 de MG).

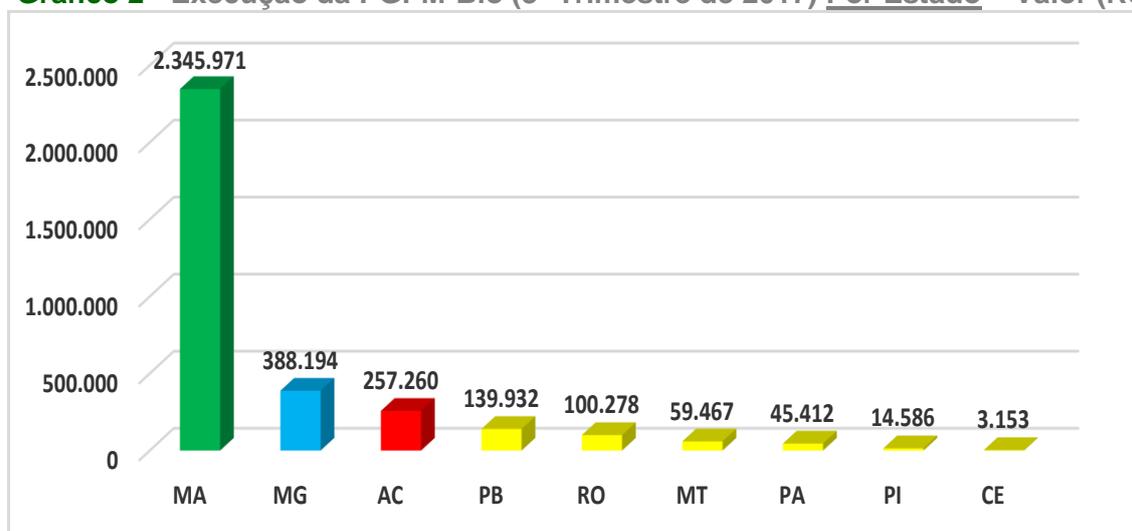
A tabela e os gráficos abaixo destacam a execução da PGPM-Bio por estado (UF), ficando patente a importância atual do estado do MA e de MG. Verificamos ainda, no 3º trimestre de 2017, os primeiros pagamentos de subvenção para produtores dos estados do MT e da PB.

Tabela 2 – Execução da PGPM-Bio por Estado (3º trimestre de 2017)

UF	Quant. (Kg)	%	Valor (R\$)	%	Nº de Produtores Extrativistas	%
MA	1.567.845	53,7%	2.345.971	69,9%	2.119	77,0%
MG	1.024.252	35,1%	388.194	11,6%	169	6,1%
AC	72.685	2,5%	257.260	7,7%	170	6,2%
PB	128.378	4,4%	139.932	4,2%	103	3,7%
RO	28.335	1,0%	100.278	3,0%	65	2,4%
MT	17.025	0,6%	59.467	1,8%	31	1,1%
PA	23.982	0,8%	45.412	1,4%	19	0,7%
PI	17.356	0,6%	14.586	0,4%	56	2,0%
CE	41.655	1,4%	3.153	0,1%	20	0,7%
Total	2.921.514	100,0%	3.354.253	100,0%	2.752	100,0%

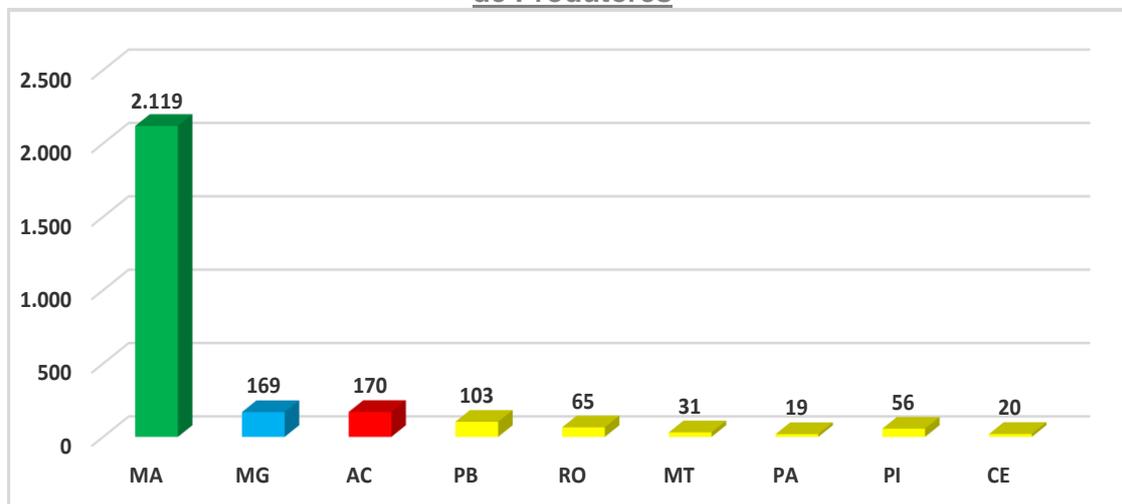
Fonte: Sisbio/Conab

Gráfico 2 - Execução da PGPM-Bio (3º Trimestre de 2017) Por Estado – Valor (R\$)



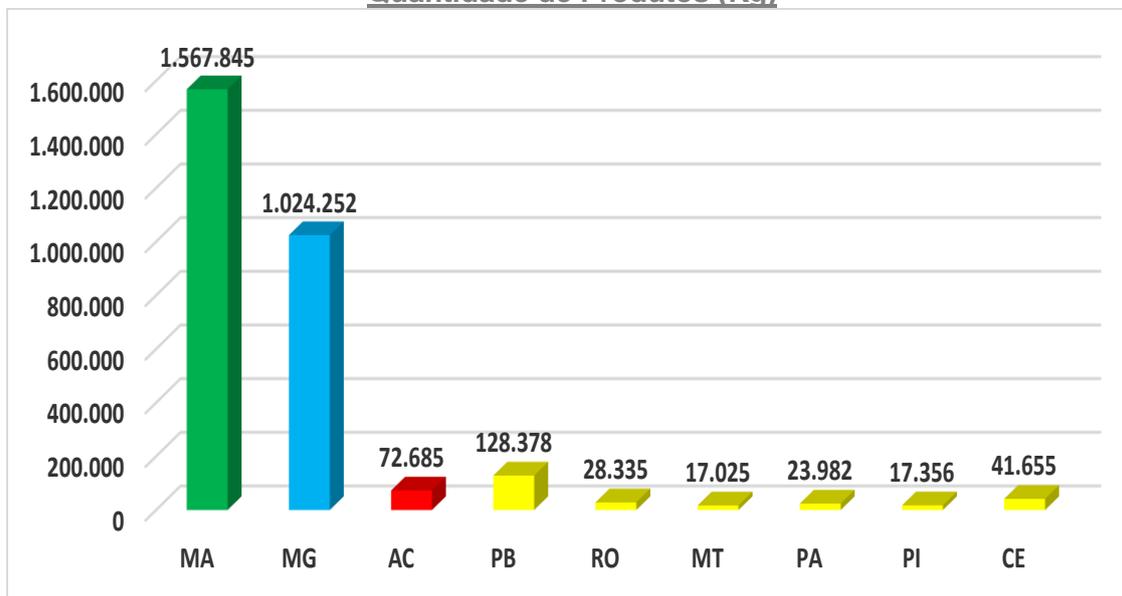
Fonte: Sisbio/Conab

Gráfico 3 – Execução da PGPM-Bio – 3º Trimestre de 2017 Por Estado – Número de Produtores



Fonte: Sisbio/Conab

Gráfico 4 – Execução da PGPM-Bio (3º Trimestre de 2017) Por Estado – Quantidade de Produtos (Kg)



Fonte: Sisbio/Conab

A execução do programa por produto comprova a importância do babaçu em relação às variáveis ora analisadas. Somente este produto carrou 70,4% dos valores aportados (R\$ 2,36 milhões), bem como 77% da quantidade de produtores extrativistas beneficiados (2.205). Já a borracha ocupa a segunda colocação em termos de valores aportados (R\$ 450,4 mil – 13,4%) e de produtores beneficiados (311 – 11%).

Em relação à quantidade de produtos subvencionados, destacam-se o Pequi (16,8%), a Macaúba (11,2%) e o Umbu (7,3%), todavia, o Babaçu, com 54,3% do total, segue também na liderança deste quesito.

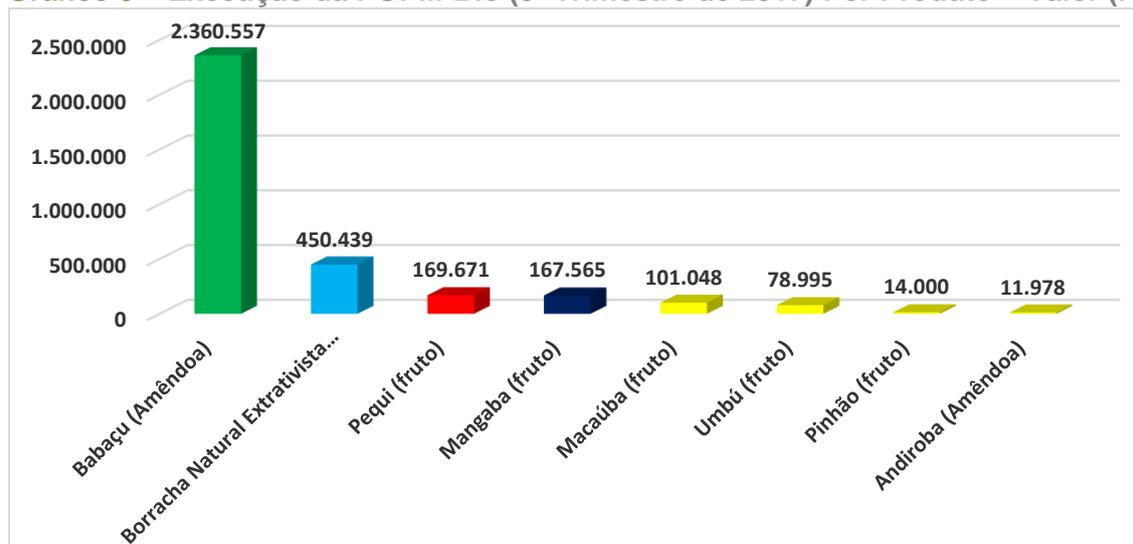
A tabela e os gráficos abaixo destacam a execução do programa por produto, em termos de valor (R\$), quantidades subvencionadas (kg) e número de produtores que receberam subvenção.

Tabela 3 – Execução da PGPM-Bio por Produto (3º Trimestre de 2017)

Produto	Quant. (Kg)	%	Valor (mil R\$)	%	Nº de Produtores Extrativistas	%
Babaçu (Amêndoa)	1.585.202	54,3%	2.360.557	70,4%	2.205	77%
Borracha Natural Extrativista (Cernambi)	127.855	4,4%	450.439	13,4%	311	11%
Pequi (fruto)	492.223	16,8%	169.671	5,1%	118	4%
Mangaba (fruto)	152.851	5,2%	167.565	5,0%	124	4%
Macaúba (fruto)	327.006	11,2%	101.048	3,0%	63	2%
Umbú (fruto)	211.868	7,3%	78.995	2,4%	41	1%
Pinhão (fruto)	10.338	0,4%	14.000	0,4%	7	0%
Andiroba (Amêndoa)	14.172	0,5%	11.978	0,4%	6	0%
Total	2.921.514	100%	3.354.253	100%	2.875	100%
Total de Extrativistas (sem repetições) *					2.752	

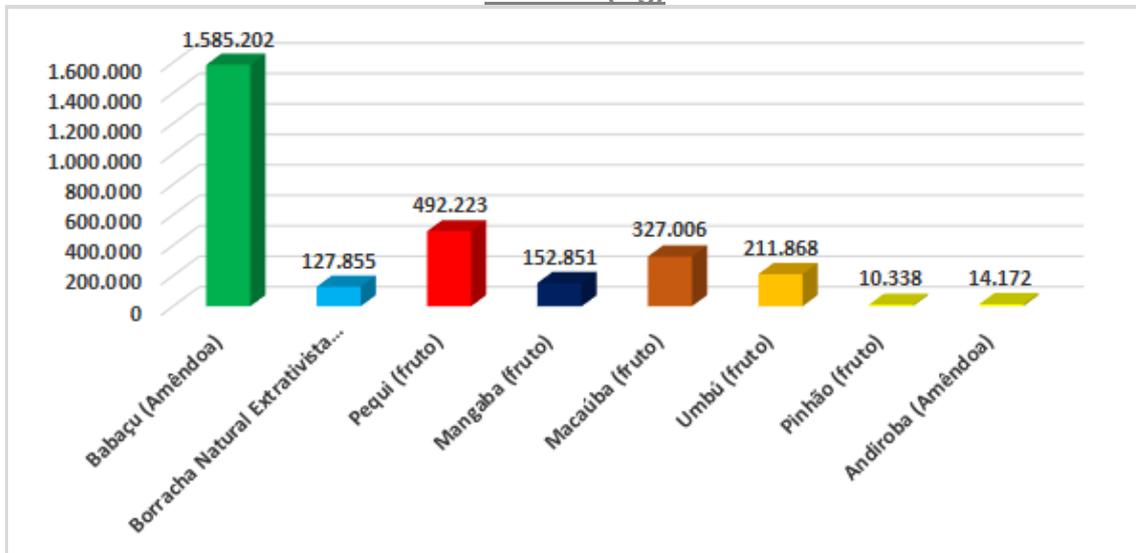
Legenda: (*) valor líquido: contabiliza apenas uma vez os produtores que acessaram a PGPMBio
Fonte: Sisbio/Conab

Gráfico 5 – Execução da PGPM-Bio (3º Trimestre de 2017) Por Produto – Valor (R\$)



Fonte: Sisbio/Conab

Gráfico 6 – Execução PGPM-Bio (3º Trimestre 2017) Por Produto – Quantidade de Produto (Kg)



Fonte: Sisbio/Conab

A análise da execução da PGPM-Bio aponta para o pagamento de subvenção em 67 municípios (pouco mais de 1% dos 5.561 existentes no país), com destaque, novamente, para o estado do MA, com 37% (totalizando 25), seguido por MG (14), AC (9), PI (4), CE, MT, PA, PB e RO (3 em cada uma dessas UF).

A tabela abaixo destaca a execução da PGPM-Bio nos 10 municípios com maior volume de recursos aportados no âmbito da PGPM-Bio, que carrearam juntos 61% dos valores pagos (R\$ 2,0 milhões), 57% da quantidade de produtos subvencionada (1,6 mil t) e 59% do número de produtores extrativistas beneficiados (1.625), apontando concentração acentuada da operação dessa política em poucas localidades.

Tabela 4 – 10 municípios de Maior Execução da PGPM-Bio (até o 3º Trimestre de 2017)

UF	Município	Quant. (Kg)	%	Valor (R\$)	%	Nº de Extrativistas	%
MA	Poção de Pedras	223.710	8%	369.564	11%	347	13%
MA	Trizidela do Vale	229.096	8%	319.704	10%	262	10%
MA	Alto Alegre do Maranhão	130.184	4%	207.986	6%	118	4%
MA	Coroatá	136.094	5%	200.784	6%	132	5%
MA	São Luís Gonzaga do Maranhão	128.786	4%	195.257	6%	164	6%
MA	Penalva	117.881	4%	174.507	5%	113	4%
MG	Lontra	421.579	14%	168.607	5%	40	1%
MA	Joselândia	102.451	4%	168.430	5%	116	4%
MA	Zé Doca	81.809	3%	144.033	4%	176	6%
MA	Vitorino Freire	79.431	3%	108.946	3%	157	6%
Total		1.651.021	57%	2.057.818	61%	1.625	59%
Total Geral		2.921.514	100%	3.354.253	100%	2.756	100%

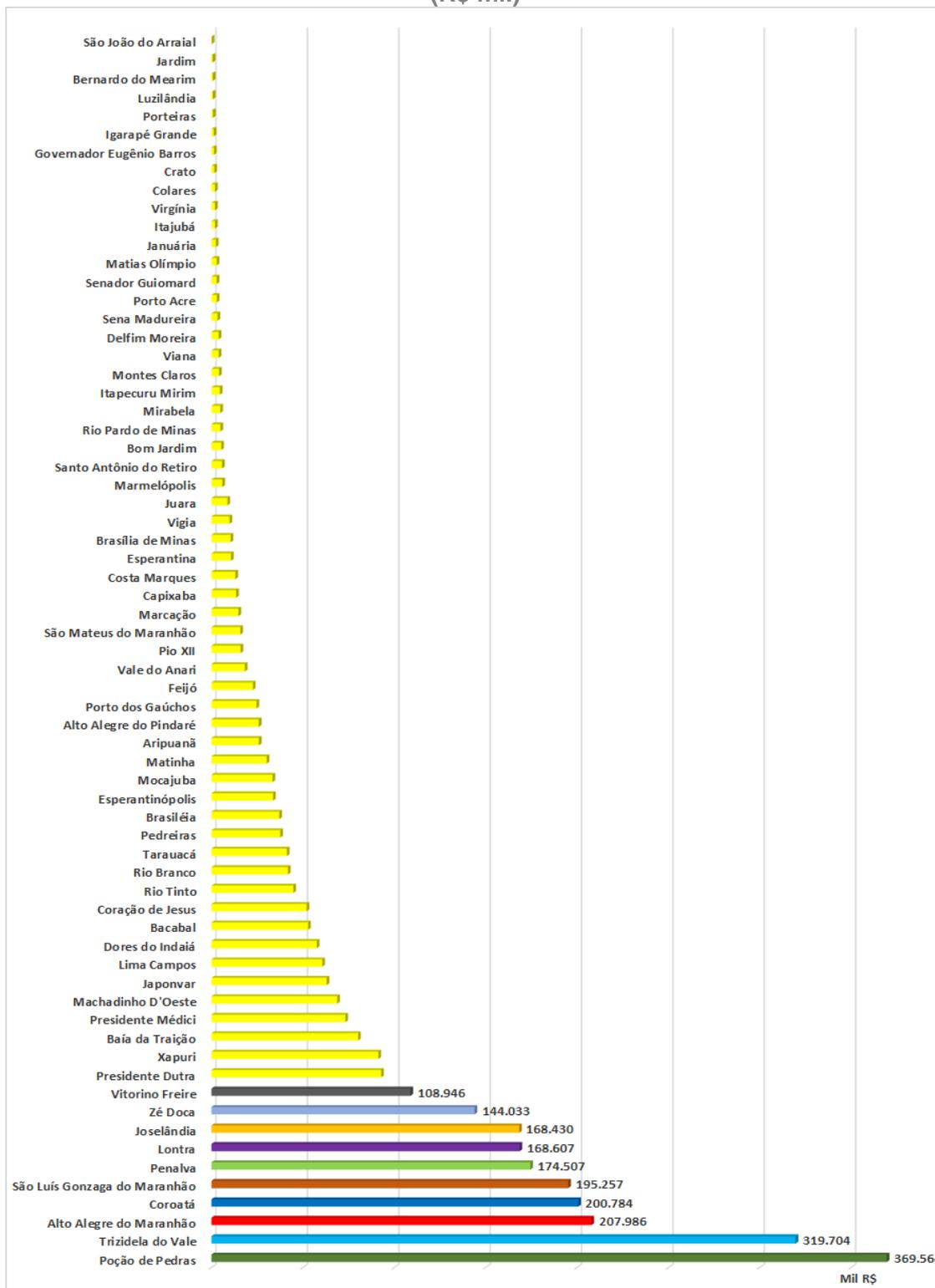
Fonte: Sisbio/Conab

O município de Poção das Pedras/MA continua sendo àquele de maior destaque em termos de valores aportados, com R\$ 369,5 mil (correspondendo a 11% do montante total) e número de produtores extrativistas beneficiados - 347 (13% do total), seguido por Trizidela do Vale, com R\$ 319,7 mil (10%) e 262 produtores (10%), enquanto que o município de Lontra/MG apresentou a maior quantidade de produtos subvencionados – 421,5 mil kg (14%).

O gráfico a seguir aponta os 67 municípios que tiveram produtores extrativistas que acessaram a PGPM-Bio no 3º Trimestre de 2017, organizado de acordo com o volume de recursos disponibilizados em cada um deles.



Gráfico 7 – Execução da PGPM-Bio (3º Trimestre de 2017) Por Município – Valor (R\$ mil)



Fonte: Sisbio/Conab

A evolução mensal da execução da PGPM-Bio em 2017 pode ser observada na tabela e gráficos apresentados a seguir. O mês de junho continua sendo aquele de maior execução, tanto em relação aos pagamentos efetuados (R\$ 1,13 milhão – correspondendo a 34% do total), quanto da quantidade de produtos subvencionados (1,26 t – 43,2%). Da mesma forma, o número de produtores que acessaram esta política também foi recorde neste mês, beneficiando 964 produtores (33,3%).

Ressalta-se que a execução de junho acabou por acumular as operações encaminhadas no decorrer de todo o primeiro semestre, tendo em vista que a Portaria Interministerial, que liberou o orçamento para 2017, somente foi publicada no final de maio do ano corrente. Já a execução verificada nos meses de julho e agosto foram também bastante expressivas, com valores aportados de R\$ 730 e R\$ 776 mil, respectivamente.

Verifica-se, porém, uma redução significativa na execução do mês de setembro (R\$ 239,2 mil), sendo que um dos motivos para essa diminuição pode ser atribuído ao desempenho do estado do MA, que apresentou execução de R\$ 474,0 mil e R\$ 593,9 nos meses de julho e agosto, respectivamente, reduzindo para R\$ 113,6 mil em setembro.

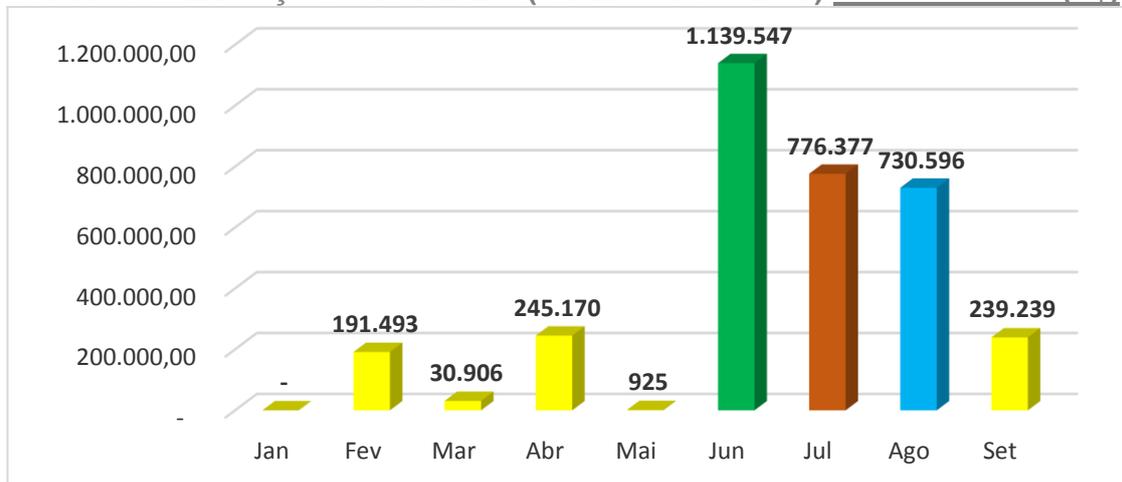
Tabela 5 – Execução Mensal da PGPM-Bio (3º Trimestre de 2017)

Mês	Valor (R\$)	%	Quantidade (KG)	%	Produtores*	%
Jan	-	0,0%	-	0,0%	-	0,0%
Fev	191.493	5,7%	308.505	10,6%	151	5,2%
Mar	30.906	0,9%	52.239	1,8%	15	0,5%
Abr	245.170	7,3%	156.187	5,3%	184	6,4%
Mai	925	0,0%	589	0,0%	1	0,0%
Jun	1.139.547	34,0%	1.262.230	43,2%	964	33,3%
Jul	776.377	23,1%	497.983	17,0%	677	23,4%
Ago	730.596	21,8%	478.420	16,4%	607	21,0%
Set	239.239	7,1%	165.362	5,7%	295	10,2%
Total	3.354.253	100%	2.921.515	100%	2.894	100%

* Não inclui eventuais produtores que acessam mais de uma vez em meses diferentes.

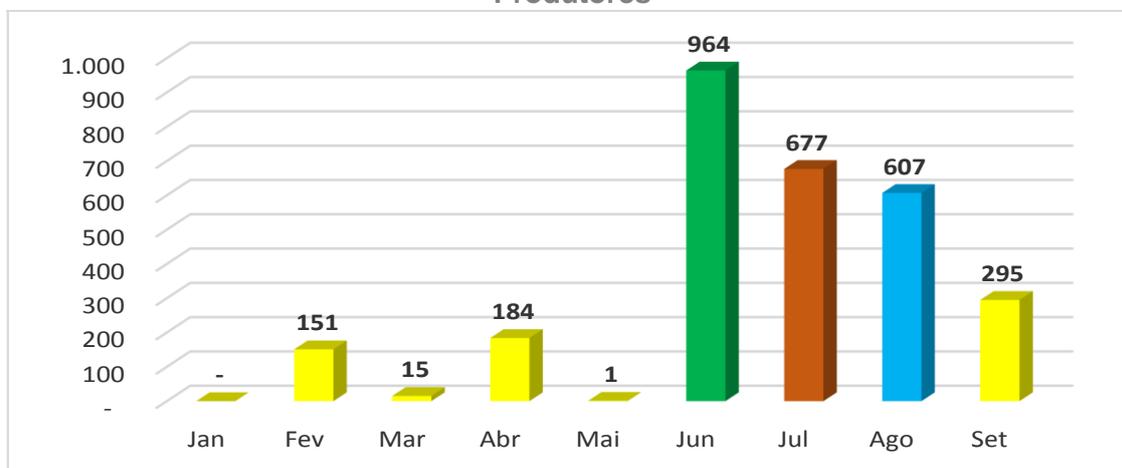
Fonte: Sisbio/Conab

Gráfico 8 – Execução da PGPM-Bio (3º Trimestre de 2017) Por Mês – Valor (R\$)



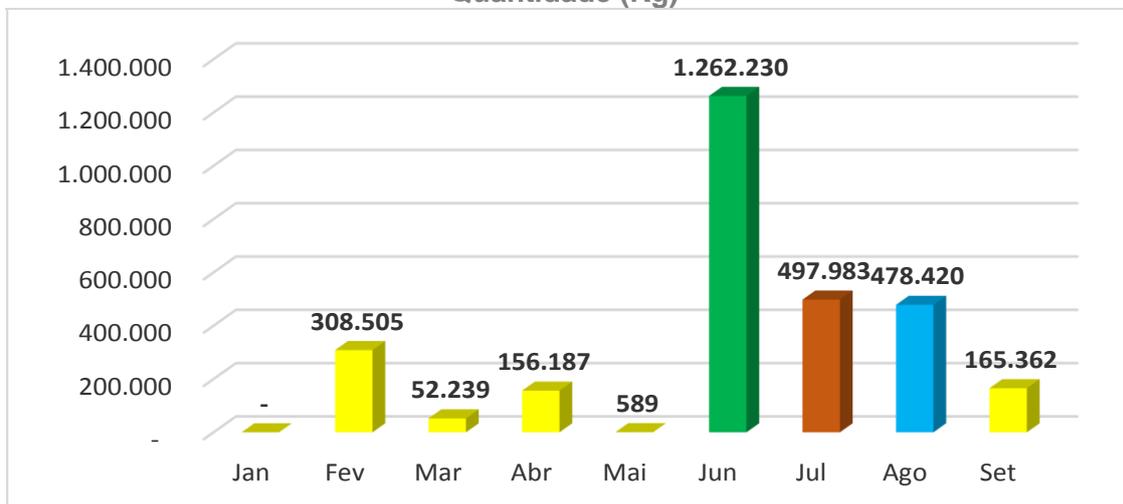
Fonte: Sisbio/Conab

Gráfico 9 – Execução da PGPM-Bio (3º Trimestre de 2017) Por Mês – Número de Produtores



Fonte: Sisbio/Conab

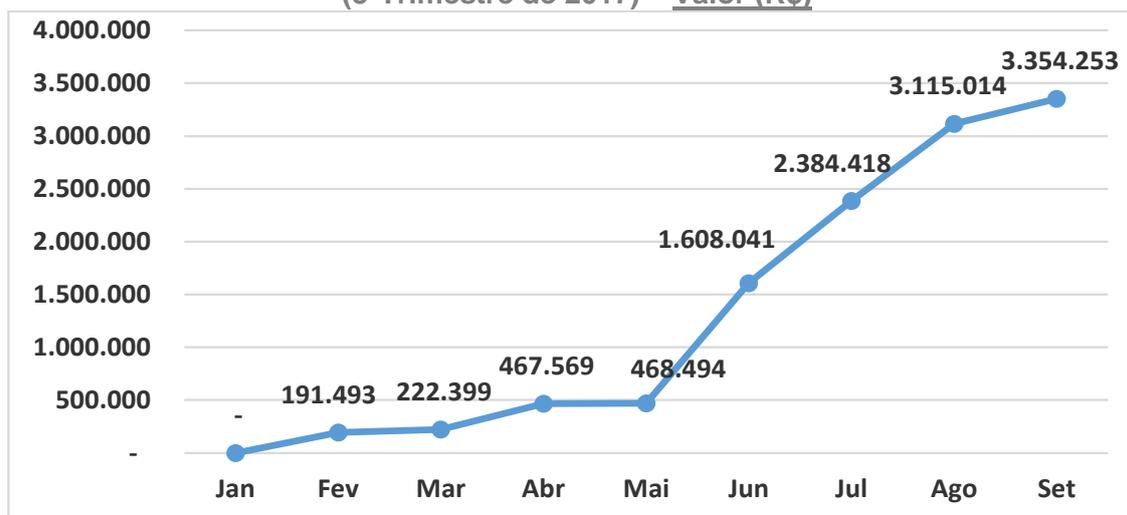
Gráfico 10 – Execução da PGPM-Bio (3º Trimestre de 2017) Por Mês – Quantidade (Kg)



Fonte: Sisbio/Conab

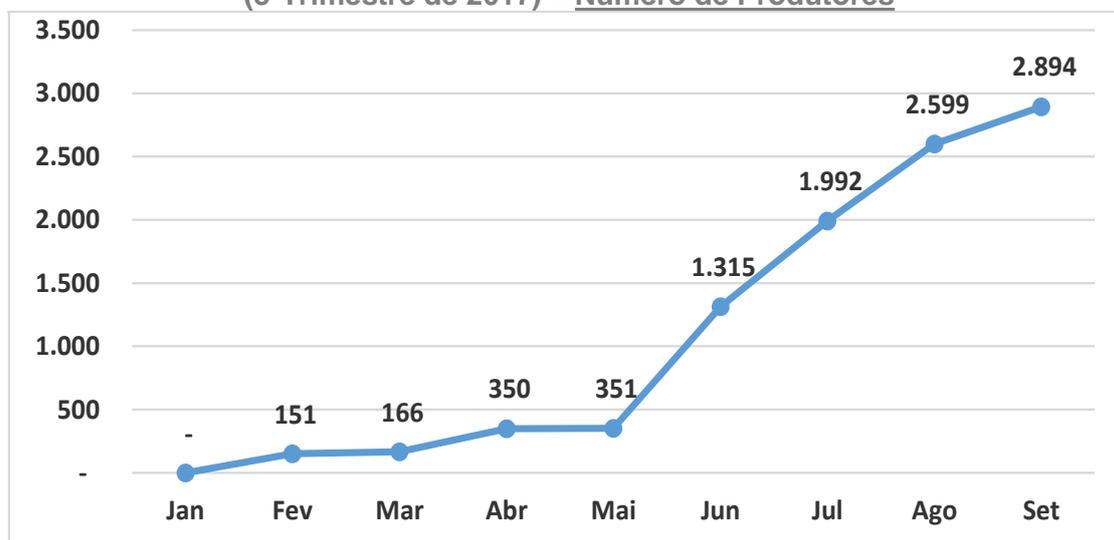
Os gráficos a seguir apontam a evolução mensal acumulada da execução da PGPM-Bio, onde percebe-se o salto ocorrido no mês de junho, mês subsequente à assinatura da Portaria Orçamentária referente ao ano de 2017, bem como as relativamente boas execuções nos meses de julho e agosto. Conforme relatado, anteriormente, é possível perceber também a redução na execução no mês de setembro.

Gráfico 11 – Evolução Mensal Acumulada da Execução da PGPM-Bio (3º Trimestre de 2017) – Valor (R\$)



Fonte: Sisbio/Conab

Gráfico 12 - Evolução Mensal Acumulada da Execução da PGPM-Bio (3º Trimestre de 2017) – Número de Produtores



Fonte: Sisbio/Conab



ISSN: 2527-1598



9

772527

159004



MINISTÉRIO DA
**AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO**

